

A LUTA POR ROMA Por Reinaldo V. Theodoro



Sd.Kfz 222 da 2ª Divisão *Fallschirmjäger* entrando em Roma. Os homens na torre são militares italianos.

Antecedentes

Em junho de 1940, Benito Mussolini, o “Duce”, o ditador fascista que governava a Itália havia 18 anos, decidiu entrar na 2ª Guerra Mundial do lado vencedor – a Alemanha. Esse erro lhe custaria a vida cinco anos depois, as mais humilhantes derrotas militares e o sofrimento de todo o povo italiano. Em 1943, o Exército italiano havia sido derrotado onde quer que encontrasse um soldado britânico, a Marinha fora reduzida à impotência e a Força Aérea ainda continuava lutando galhardamente, embora seus melhores aviões tivessem que usar motores alemães.

No início de 1943, o povo italiano estava farto da guerra e, de uma maneira geral, convenceram-se de que ela estava mesmo perdida. O Império colonial na África havia sido tomado e o Exército italiano no front russo havia sido destruído. Os italianos agora viviam sob a ameaça de uma invasão aliada, sofrendo com os bombardeios às suas cidades e convivendo com séria escassez de alimentos. Não menos importante, começavam a se ressentir da ocupação “pacífica” realizada pelos seus “aliados” alemães. Eles estavam cada vez mais desiludidos com Mussolini e a liderança fascista e começaram a odiar a “super-raça” ariana e todos aqueles que os haviam enfiado naquela “furada”. De fato, o povo italiano já não se importava mais com a derrota na guerra, desde que isso os livrasse do fascismo e dos alemães.

Isso se refletiu em diversos tipos de manifestações. Houve distúrbios no norte, as greves tornaram-se comuns e palavras duras de dissidência eram proferidas em público. Intelectuais e operários eram presos e jornais fechados. A polícia atirava por sobre as cabeças de manifestantes. À medida que os bombardeios aliados atingiam os centros ferroviários e aeródromos das proximidades de Roma, o povo italiano começou a pedir abertamente ao governo que capitulasse.

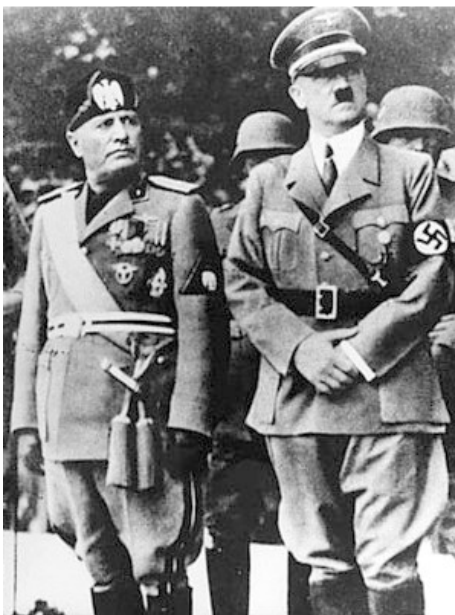
Nos bastidores, alguns grupos começavam a se articular e pelo menos três deles tramavam derrubar o regime – os fascistas dissidentes, os antifascistas e os militares desiludidos, todos motivados pela necessidade de remover Mussolini do poder como primordial etapa da saída da Itália da guerra.

Um dos personagens mais importantes nesse momento era o Marechal Pietro Badoglio, herói de guerra e ex-Chefe do Estado-Maior Geral, então reformado. Ele solicitou uma audiência ao Rei da Itália, Vítor Emanuel III, fazendo-lhe extenso relato da situação do país e do estado de espírito do povo, fazendo então sugestões radicais. O Rei ouviu-o com atenção, mas não deu nenhuma resposta significativa. Contudo, com o encorajamento do Príncipe Herdeiro, Humberto, Badoglio tomou as primeiras medidas visando a um golpe de Estado, consultando discretamente o Chefe do Estado-Maior-Geral, General Vittorio Ambrosio, e os líderes dos principais partidos políticos do país,

buscando apoio para promover a deposição de Mussolini. Pelo final de junho, todo o trabalho de preparação do golpe estava bem adiantado.

No entanto, havia outro problema de solução bem mais difícil: como se livrar dos alemães após declarar o armistício?

Embora a Itália nunca tenha sido o aliado mais adequado aos interesses da Alemanha Nazista, ela era sem dúvida o seu parceiro mais importante, pelo seu valor militar, pelo passado recente de apoios mútuos e pela sua relevância política, além da tão decantada amizade entre seus ditadores, Hitler e Mussolini. A saída da Itália da guerra seria um desastre para Hitler, pois seria um forte sinal de que a coalizão estava desmoronando, influenciando outros governos, particularmente no Leste Europeu, a buscar a mesma saída. Além disso, a súbita “evaporação” do Exército italiano deixaria lacunas em grandes áreas, que teriam que ser preenchidas com tropas alemãs retiradas do front russo. Havia nada menos que 33 divisões italianas em missões de guarnição, defesa de costa e combate a partisans estacionadas na Iugoslávia (16), Grécia (7), sul da França (3), Albânia (2), Córsega (2), Sardenha (2) e Creta (1). Além disso, o próprio território italiano se transformaria num novo teatro de operações de inteira responsabilidade dos alemães.



Mussolini e Hitler: nefasta amizade.

Assim, era óbvio que haveria uma violenta reação alemã no caso de um novo governo italiano declarar que desejava sair da guerra. A ocupação do país seria inevitável, pois o Exército italiano, com apenas cerca de 20 divisões espalhadas por toda a Itália e em diferentes condições de aprestamento, não seria páreo para as divisões alemãs muito

bem equipadas.

Certamente, haveria a prisão e deportação dos líderes do novo governo e até mesmo da Família Real. Nessas condições, a Itália passaria a ser um Estado-títere, segundo diretrizes nazi-fascistas e sob o controle de Hitler.

O povo italiano ver-se-ia então subjugado pelos nazistas e, tão ruim quanto, continuaria em guerra com os aliados.

A Queda de Mussolini

Os aliados desembarcaram na Sicília a 10/07/43 e logo tornou-se óbvio o êxito da empreitada. Poucos dias após a invasão, o General Ambrosio implorou a Mussolini que transmitisse a Hitler o desejo dos italianos de não mais continuar na guerra. A 18/07/43, Mussolini e Hitler reuniram-se em Feltre, perto de Rimini (norte da Itália), mas Mussolini, certamente por falta de coragem, não conseguiu declarar a Hitler que os italianos não podiam e não queriam mais continuar lutando (nesse mesmo dia, o General americano Dwight D. Eisenhower, o Comandante-em-Chefe aliado, pediu permissão à Junta de Chefes de Estado-Maior Combinados para invadir a Itália). Ao retornar a Roma a 20/07/43, Mussolini prometeu escrever uma carta a Hitler expondo o seu ponto de vista, coisa que ele nunca fez.

A 22/07/43, pressionado por elementos influentes no partido, Mussolini convocou o Grande Conselho Fascista, que havia mais de três anos não se reunia. A reunião foi marcada para o dia 24/07/43, um sábado. No dia seguinte à convocação, ele visitou o Rei para pô-lo a par do que estava pretendendo. Logo após a partida de Mussolini, Vítor Emanuel afinal tomou a decisão que há muito hesitava em tomar: tendo consultado previamente Badoglio, que lhe garantira que faria tudo o que o monarca desejasse, este decidiu nomear Badoglio sucessor de Mussolini.

A 24/07/43, o Grande Conselho, de 28 membros, reuniu-se em sessão às 17h00min. A hostilidade geral a Mussolini ficou então evidente e o debate se prolongou até a madrugada. O Conselho apresentou uma resolução, apoiada por 16 dos seus 25 membros, declarando que era "essencial a imediata restauração de todos os órgãos do Estado, de modo que a Coroa, o Grande Conselho, o Governo, o Parlamento e as empresas possam cumprir as tarefas e responsabilidades a eles atribuídas pela Constituição e leis do país" e resolvendo que o Conselho "convida o Governo a solicitar ao Rei, para quem toda a nação se volta com lealdade e confiança, que, pela honra e segurança do país, assumo o comando efetivo do Exército, da Marinha e da Força Aérea...". Por

volta das 03h00min de 25/07/43, Mussolini cedeu à exigência para que a resolução fosse posta em votação – e 19 membros votaram a favor.

Mussolini encerrou a sessão dizendo: "Vocês provocaram a crise do regime".

Mais tarde, ainda nesse dia, Mussolini visitou o Rei para informá-lo do que acontecera. Conversou com o soberano sobre o resultado da votação, procurando convencê-lo de que ela não significava nada, mas Vítor Emanuel não concordou com essa manhosa interpretação. Segundo o próprio Mussolini, o Rei foi muito cordial e quando entravam na sala de recepção, disse: "Meu caro Duce, as coisas não funcionam mais. A Itália está arruinada. O moral do Exército está muito baixo. Os soldados não querem mais lutar. O voto do Grande Conselho é inquestionável... Neste momento, você é o homem mais odiado de todo o país. Não pode contar com mais de um amigo – só lhe resta um, que sou eu. Por isso, digo que você nada deve temer sobre sua segurança pessoal, que eu tomarei o cuidado de proteger. Estou certo de que o homem que deve ocupar seu cargo, agora, é o Marechal Badoglio"¹.

Quando Mussolini deixou o palácio, um capitão dos *Carabinieri*² apresentou-se a ele e lhe disse: "Sua Majestade encarregou-me da proteção da sua pessoa". Ele então foi encaminhado a uma ambulância, que o aguardava. Um pequeno grupo de soldados e da polícia secreta levaram-no então para um quartel dos *Carabinieri*. Foi só então que Mussolini percebeu que estava preso.

Assim terminavam 21 anos de ditadura fascista na Itália.

Às 22h45min do domingo, dia 25/07/43, foi divulgada pelo rádio a notícia da demissão de Mussolini, provocando verdadeira euforia. As pessoas se abraçavam e dançavam nas ruas, multidões percorriam, jubilosas, as ruas da cidade, solicitando a imediata retirada da Itália da guerra. No Palácio da Justiça, uma manifestação de advogados se transformou numa expedição para libertar prisioneiros, sendo resgatados cerca de 1.000 homens e 500 mulheres. No entanto, houve também arruaças entre adversários políticos e os infelizes que portavam o distintivo fascista foram surrados e até assassinados. Multidões atacaram e saquearam os escritórios do Partido Fascista, rasgaram bandeiras do partido e derrubaram símbolos. Daí por diante, não se viu mais um único distintivo fascista em Roma.

¹ Existem duas versões desse diálogo: uma do próprio Mussolini e outra de Badoglio, onde este declara que o Rei foi frio e muito direto com Mussolini. Levando em consideração que o Rei fora responsável direto por Mussolini se tornar o ditador da Itália e que havia sido complacente com ele por 21 anos, essa versão soa falso. Mais ainda se levarmos em consideração que um golpe

de Estado estava em andamento e que não convinha gerar reações do deposto Duce. Portanto, acho mais fidedigna a versão de Mussolini, aqui expressa resumidamente.

Às 17h00min de 26/07/43, ainda em meio às comemorações, o Rei convocou Badoglio e informou ao idoso Marechal que a ele caberia a função de chefe do governo e que sua tarefa fundamental seria romper a aliança com a Alemanha e promover a paz com os aliados. Badoglio então anunciou as nomeações para seu Gabinete e dissolveu o partido fascista, mas também declarou que a guerra continuaria. Isso foi um duro golpe nas esperanças da população, que reagiu com uma série de greves que causaram sérios problemas.



Vítor Emanuel III, Rei da Itália. Sua principal preocupação era a preservação da monarquia.

Badoglio estava perfeitamente cômico das consequências de um rompimento imediato e unilateral com a Alemanha. O povo, porém, não percebia isso e pressionava Badoglio, através de indivíduos e organizações. Portanto, ele foi forçado a fazer um jogo perigoso: ao mesmo tempo em que afirmava que prosseguiriam as hostilidades contra os aliados, ele iniciou negociações secretas para celebrar uma paz em separado. Desde então, algumas autoridades políticas e militares, sob a orientação de Badoglio, procuravam entrar em contato com os aliados para obter as condições para um armistício.

de Estado estava em andamento e que não convinha gerar reações do deposto Duce. Portanto, acho mais fidedigna a versão de Mussolini, aqui expressa resumidamente.

² Polícia Militar italiana.

A Atitude Alemã

Já em maio de 1943, os alemães perceberam os sinais de fadiga do seu aliado e começaram a prever as ações para o caso dos italianos tentarem sair da guerra. Inicialmente, foram elaboradas a Operação Schwarz e a Operação Alaric, ambas visando ocupar militarmente a Itália. A ocupação do norte da Itália ficaria sob a responsabilidade do Marechal Erwin Rommel, enquanto o Marechal Albert Kesselring, então o comandante alemão na Itália, se encarregaria do sul do país. Ao mesmo tempo, o Exército alemão na França desarmaria as unidades italianas na Provença.

A notícia da queda de Mussolini enfureceu Hitler. Sua reação imediata foi amaldiçoar os “traídores” italianos, ameaçando tomar Roma e aprisionar o Rei, o Príncipe Herdeiro, Badoglio e os oficiais de alto escalão. Ele encontraria e libertaria Mussolini e o recolocaria no poder. Uma poderosa força invadiria o norte da Itália, que seria então considerado território ocupado. Todas as tropas alemãs na Sicília e no sul da Itália seriam retiradas imediatamente, ainda que tivessem que deixar para trás todo o seu equipamento pesado.

Assim, o General Alfred Jodl, Chefe de Operações do OKW³, mandou Kesselring retirar as tropas alemãs da Sicília. Todavia, antes de ordenar a retirada, Kesselring procurou Badoglio a 26/07/43 e ouviu dele garantias de que não estava em cogitação qualquer mudança na política italiana. Badoglio ainda afirmou que os italianos estavam decididos a continuar lutando ao lado dos alemães e lhe assegurou que faria todo o possível para remover os empecilhos e facilitar o desenvolvimento da guerra. Kesselring visitou então Ambrosio, que disse as mesmas mentiras deslavadas de Badoglio, salientando que os italianos estavam dispostos a continuar na guerra e a receber mais reforços.

Kesselring então sugeriu a Hitler que os alemães explorassem a disposição em que se encontravam os italianos de receber mais unidades alemãs. Afinal, quanto mais tropas alemãs houvesse na Itália, mais fácil seria dominar a situação, caso os italianos “virassem a casaca”.

Hitler concordou com a sugestão de Kesselring e, raciocinando mais friamente, concluiu que era melhor não precipitar a ruptura da aliança, o que só traria benefícios aos aliados. Melhor seria fingir que tudo estava bem, aceitar as declarações dos italianos e deixar que as bombas aliadas caíssem sobre o território italiano ao invés do alemão.

Ele então ordenou que o 11º *Fliegerkorps* e a 2ª Divisão *Fallschirmjäger* (Paraquedistas) fossem

apressadamente enviados para a região de Roma. Hitler também ordenou que duas divisões fossem transferidas do sul da França para a fronteira italiana, onde se preparariam para entrar na Itália se se verificasse o que ele chamava de “traição italiana”. Ele mandou que Kesselring fizesse cessar o envio de tropas para a Sicília e que se preparasse para a evacuação de todas as unidades alemãs, não só da Sicília, mas também da Sardenha e da Córsega. Hitler também enviou o Capitão das SS Otto Skorzeny a Roma, com a missão de localizar e resgatar Mussolini. Tudo isso deveria ser feito de forma que os italianos não desconfiassem de nada.



Generalalfeldmarschall Albert Kesselring. Até o anúncio do armistício, ele acreditou nas mentiras dos italianos.

A 27/07/43, Kesselring reuniu os comandantes alemães graduados, informando-os de que, se os italianos rompessem a aliança, o 14º Corpo Panzer deveria imediatamente romper contato com o inimigo e evacuar a Sicília, procurando, no entanto, através de ações de retardamento, conservar ao máximo os seus meios. O movimento de tropas deveria ser coordenado pelo QG do 14º Corpo Panzer, na Sicília, e pelo QG do 76º Corpo Panzer, localizado no sul da Itália.

A 01/08/43, o OKW lançou um plano mais abrangente, chamado de Operação Achse (“Eixo”, um

³ Oberkommando der Wehrmacht = Alto-Comando das Forças Armadas.

nome escolhido certamente com uma dose de sarcasmo). Nele era planejada a ocupação da Itália e o desarmamento das tropas italianas na França e nos Bálcãs. Também se previa a captura da Esquadra italiana.

Durante o mês de agosto, cinco divisões de infantaria e duas blindadas entraram no norte da Itália. A 15/08/43, foi estabelecido o QG do 10º Exército alemão no sul da Itália, sob o comando do General Heinrich von Vietinghoff. A 16/08/43, Rommel, que até então estava em Munique, estabeleceu seu novo QG, agora batizado de “Grupo-de-Exércitos B”, junto ao Lago de Garda.

Enquanto isso, a Sicília era afinal evacuada. Durante seis dias e sete noites de agosto de 1943, cerca de 80.000 soldados alemães e seu valioso equipamento foram transportados através do Estreito de Messina para a Itália continental. A 17/08/43, cessou toda a resistência na Sicília.

A Atitude Aliada

A 26/07/43, em Washington, a Junta de Chefes de Estado-Maior Combinados reuniu-se, enquanto, do outro lado do Atlântico, em Argel, Eisenhower também se reunia com seus principais oficiais. Em ambas as cidades, examinaram-se as possibilidades advindas da repentina mudança da situação italiana e as perspectivas eram francamente otimistas. Porém, não se podia fazer nenhum movimento imediato, porque a maioria das barcas de desembarque que haviam participado da invasão da Sicília estava então sendo reparada.



General americano Dwight David Eisenhower, o Comandante-em-Chefe aliado.

A 02/08/43, Eisenhower decidiu realizar uma invasão dupla da Itália, mandando o 8º Exército britânico cruzar o Estreito de Messina quando terminasse a campanha da Sicília, enquanto o 5º Exército americano desembarcaria nos arredores de Nápoles. A Junta de Chefes de Estado-Maior aprovou o plano.

O General americano Mark W. Clark, cujo 5º Exército fora criado no mês de janeiro anterior, foi encarregado do planejamento do desembarque na região de Nápoles, que recebeu o codinome Operação Avalanche.

Um dos primeiros problemas que Clark tinha que resolver era o local do desembarque. Uma das possibilidades era a própria Baía de Nápoles, mas os acessos fortemente minados, os obstáculos à navegação e as redes subaquáticas, além de mais de quarenta posições de canhões identificadas, eram demais para uma força atacante de apenas cerca de três divisões. A área mais promissora era a planície costeira do rio Volturno, ao norte de Nápoles. O terreno, plano, era ideal para blindados e não havia obstáculos a um rápido avanço na direção de Nápoles. Porém, o comandante da Força Aérea no Mediterrâneo, o Marechal-do-Ar Sir Arthur Tedder, rechaçou terminantemente a ideia, pois o curto alcance dos caças não permitiria dar apoio aéreo adequado ao norte de Nápoles. A última alternativa seria desembarcar ao sul de Nápoles, no Golfo de Salerno. Ali havia 30 quilômetros de boas praias com acesso direto ao interior. Porém, o golfo era todo cercado de montanhas que formavam uma excelente barreira, fácil de defender, impedindo uma saída rápida para a planície de Nápoles. Apesar desse sério inconveniente, este foi o local escolhido para a invasão da Itália continental.

As Negociações com os Aliados

A 15/08/43, o General italiano Giuseppe Castellano procurou o embaixador britânico em Madri, Sir Samuel Hoare. Afirmando estar autorizado a falar em nome do novo governo italiano, pediu que representantes dos aliados se encontrassem com ele em Lisboa.

Castellano chegou a Lisboa na noite do dia 16 e, na manhã seguinte, apresentou-se ao embaixador britânico, Sir Ronald Hugh Campbell. Nesse ínterim, o embaixador britânico no Vaticano, Sir D'Arcy Osborne, discretamente entrou em contato com representantes do novo governo italiano e obteve a confirmação de que Castellano falava em seu nome. O General Eisenhower enviou então a Lisboa o seu Chefe de Estado-Maior, General Walter Bedell Smith, e o Chefe do Serviço de Inteligência, Brigadeiro Kenneth W. Strong, a fim de negociar a rendição das forças italianas. No dia

19, os representantes de Eisenhower chegaram a Lisboa e nessa mesma noite encontraram-se com Castellano.

Bedell Smith e Strong apresentaram a Castellano uma relação de 12 itens para a imediata cessação de hostilidades entre a Itália e os aliados (essa lista ficou conhecida como “Armistício Curto”). Embora em nenhum dos itens estivessem escritas as palavras “rendição incondicional”, Castellano logo compreendeu que era disso que se tratava.

Bedell Smith então leu um longo telegrama enviado por Churchill e Roosevelt, então reunidos em Quebec. Nele, os líderes aliados declaravam que os termos do armistício não incluíam a passagem da Itália para o lado aliado, mas que essa situação poderia ser modificada em função da atitude futura das autoridades italianas. Com esse jogo de palavras astuto, os líderes aliados pretendiam tornar o armistício mais aceitável aos italianos, ao mesmo tempo em que não assumiam nenhum compromisso concreto.

O que mais incomodou a Castellano nessa ocasião foi o aparente desinteresse dos aliados em levar em consideração a oferta da Itália passar para o seu lado. Ele então ponderou que se arriscara a ir a Lisboa a fim de estudar com as autoridades aliadas a forma de pôr a Itália ao lado dos aliados contra a Alemanha e não para tratar de uma rendição. Mas Bedell Smith deixou inequivocamente claro que sua missão ali era apresentar os termos do armistício. Nada mais. Cabia agora a Castellano dizer se os aceitava ou não. Este então declarou que não tinha autoridade para isso e que apresentaria os termos aliados ao seu governo.

Mesmo assim, havia muitas arestas a aparar. Castellano tinha sempre em mente as consequências para o povo italiano, particularmente o tratamento que receberia dos alemães, se se rendessem sem a proteção adequada dos aliados. Para evitar a tragédia que certamente se abateria sobre a Itália, ele propôs aguardar que se desse o desembarque aliado para anunciar a rendição e declarar guerra aos alemães imediatamente. O problema era que Castellano queria saber detalhes dos planos aliados. Estes, naturalmente, não estavam nem um pouco dispostos a revelar seus planos ao representante do governo de um país com o qual ainda estavam oficialmente em guerra.

Uma situação inusitada surgiu quando Castellano começou a fazer recomendações sobre os desembarques aliados. Ele sugeriu um desembarque na área de Livorno, com pelo menos 15 divisões, e um segundo desembarque, com igual efetivo, no lado oposto da Itália, em Ancona, formando as duas pontas de uma pinça que cortaria a Itália em dois a uns 300 quilômetros ao norte de Roma. Para

os oficiais aliados envolvidos nessas discussões, que estavam planejando desembarcar três divisões e que não podiam proporcionar cobertura aérea nem mesmo até Nápoles, deve ter sido difícil manter o semblante sério diante de tais sugestões. Uma das condições para a cessação das hostilidades era que, após a assinatura do armistício, Badoglio receberia dos aliados instruções sobre o momento de anunciar a rendição, o que seria feito um dia antes da invasão. Castellano objetou que seu país estava sendo forçado a aceitar termos impossíveis, a trabalhar de olhos vendados, lutando insistentemente para que o anúncio do armistício fosse feito depois que os aliados estivessem firmemente estabelecidos em terra na Itália continental. Os negociadores aliados desconfiavam de que os italianos estavam tentando jogar dos dois lados, para ficar com quem de fato viesse a levar a melhor. Diante disso, negavam-se a concordar com qualquer sugestão que implicasse a permanência dos italianos na guerra, matando soldados aliados, após iniciada a invasão, uma vez aceitos os termos de rendição. Por fim, ficou acertado que o governo italiano transmitiria a sua resposta por rádio e que os aliados esperariam por ela até o dia 30/08/43 – caso contrário, as negociações seriam consideradas encerradas.



Maresciallo Pietro Badoglio. Coube ao Marechal, então com quase 72 anos, a difícil missão de tirar a Itália da guerra.

Devido a uma série de atrasos e precauções (pois ele estava receoso de que os alemães descobrissem a trama), Castellano só retornou a Roma depois de oito dias após a reunião, passando esse tempo escondido, à espera de um trem especial. Com isso, o General Mario Roatta, Chefe do Estado-Maior do Exército, temendo que alguma

coisa tivesse acontecido com ele, decidiu enviar outro emissário, o General Zanussi. No entanto, essa medida foi extremamente infeliz, pois Zanussi se fez acompanhar de um oficial britânico, então prisioneiro de guerra, enquanto Roatta era reputado, pelos aliados, como germanófilo. Dessa forma, assim que chegaram a Lisboa, foram imediatamente desconsiderados, sendo o oficial britânico enviado para Londres e Zanussi para Argel, onde ficou sabendo das negociações de Castellano. Os aliados ficaram ainda mais desconfiados do que os italianos estavam tramando e temeram que existissem facções contrárias a Badoglio dentro do governo, o que poderia por a perder todas as negociações de armistício.

Por fim, Castellano chegou a Roma a 27/08/43. Nesse mesmo dia, Badoglio e alguns outros ministros discutiram a questão e concluíram que a única saída era aceitar a exigência de rendição. No entanto, Castellano recebeu ordem de ir para a Sicília, já ocupada pelos aliados, dizer-lhes que os italianos não estavam em condições de cumprir plenamente os termos de armistício como apresentados porque suas forças armadas eram fracas demais, em comparação com as dos alemães.

Castellano chegou à Sicília a 31/08/43, logo seguindo para Casibile, perto de Siracusa. Castellano informou que a situação piorara muito nos últimos dias, com diversas unidades alemãs entrando no país. Para todos os efeitos práticos, a Itália era um país ocupado. Ele então leu um comunicado de Badoglio pedindo garantias aliadas contra os alemães, através de um desembarque maciço ao norte de Roma. O governo italiano celebraria então o armistício quando os aliados tivessem desembarcado, em um local adequado, pelo menos 15 divisões. Também pediu para ser avisado do anúncio do armistício com alguns dias de antecedência.

De novo o contraste: os italianos estavam agindo como se aliados fossem, enquanto os americanos continuavam a tratá-los como inimigos. Bedell Smith, como sempre, foi curto e grosso: os aliados já haviam traçado seus planos e nada os induziria a mudá-los. Não era possível revelar-lhe a data nem o local do desembarque, mas assegurou que seria feito com forças adequadas para garantir a necessária segurança aos italianos. Contudo, à guisa de reforçar a posição militar italiana, estimulando-os a enfrentar os alemães, Bedell Smith sugeriu enviar uma divisão aeroterrestre americana para os aeródromos de Roma e ajudar os italianos a defender a sua capital contra os alemães até que as forças desembarcadas pudessem juntar-se a eles. Castellano retornou a Roma nessa mesma noite, levando a tira-colo o

General Zanussi. Deveria o governo Badoglio responder sim ou não até a meia-noite do dia seguinte, sob ameaças de bombardeios a Roma e de condições ainda mais duras para o armistício.

Na manhã seguinte (01/09/43), Castellano reuniu-se com Badoglio e alguns generais, incluindo Ambrosio. Castellano informou que o local exato do desembarque não podia ser informado pelos aliados, mas havia a intenção de enviar uma divisão aerotransportada para os aeroportos de Roma e desembarcar 100 canhões junto à foz do rio Tibre. Badoglio então passou as informações ao Rei. Decidiu-se que os termos do armistício eram aceitáveis e Castellano então retornou à Sicília, onde perdeu ainda mais algum tempo esperando por um telegrama que o autorizasse a assinar o armistício.

A 03/09/43, exatamente quatro anos depois que o Reino Unido declarou guerra à Alemanha, forças britânicas fizeram sua primeira invasão do continente europeu, quando cruzaram o Estreito de Messina e desembarcaram sem oposição na ponta da bota italiana. Às 17h15min desse mesmo dia, em Cassibile, Castellano assinou o documento de armistício e a Itália ficou oficialmente fora da guerra.



Bedell Smith, Castellano e Eisenhower logo após a histórica assinatura do armistício.

Após a assinatura, Bedell Smith apresentou a Castellano os termos complementares do armistício. Ao todo, 44 pontos, incluindo o retorno de prisioneiros de guerra, entrega de material militar e estabelecimento de um governo militar aliado na Itália. Essa lista ficou conhecida como "Armistício Longo". Castellano mais uma vez ficou contrariado (com toda a razão), alegando que, se seu governo tivesse tido conhecimento deles, talvez não assinasse o armistício.

A 05/09/43, o Major Marchesi, que acompanhara Castellano na Sicília durante as negociações, chegou a Roma levando o documento do

armistício assinado e um plano de ação definido pelos aliados, ou seja, o envio de uma divisão aeroterrestre para Roma. Castellano também enviara uma carta com a informação de que o armistício entraria em vigor entre 10 e 15 de setembro, acrescentando que Bedell Smith dissera-lhe que provavelmente ocorreria no dia 12. Isso era mais uma mentira, numa história já cheia delas, pois a Operação Avalanche havia sido marcada para o dia 9, em função das fases da lua, que estaria adequada entre os dias 7 e 10 de setembro.

Para verificar as condições para o envio dos paraquedistas, julgou-se essencial que um oficial graduado fosse à capital italiana. O General Maxwell D. Taylor, subcomandante da 82ª Divisão Aeroterrestre americana, foi o escolhido. Ele deveria avaliar a situação *in loco* e enviar um informe aprovando ou cancelando a operação, que então recebera o codinome de Giant 2. Taylor, acompanhado do Coronel William T. Gardiner, do Serviço de Inteligência da Força Aérea, viajou secretamente de torpedeira, subindo o rio Tibre e chegando ao Palácio Caprara, sede do Estado-Maior do Exército, por volta das 20h00min do dia 07/09/43. Eles foram recebidos pelo Coronel Salvi, Chefe do Estado-Maior do *Corpo d'Armata Motorizzato*, responsável pela defesa da região de Roma. Os italianos então fizeram de tudo para serem bons anfitriões para seus hóspedes, com boa comida, confortáveis acomodações e muito vinho. No entanto, quando Taylor quis discutir a missão de sua divisão, recebeu como resposta que conversariam no dia seguinte e ofereceram-lhe mais vinho. Taylor explodiu:

– Que copo de vinho! Que amanhã coisa nenhuma! O anúncio do armistício está próximo, muito próximo, iminente! Precisamos falar com o comando agora! Já!

Ambrosio havia partido para Turim para visitar a família, tão certo estava de que não aconteceria nada antes do dia 12. Alguém conseguiu localizar o comandante do *Corpo Motorizzato*, General Giacomo Carboni, que chegou por volta das 23h00min. O grupo então seguiu para a casa de Badoglio, aonde chegaram às 02h00min de 08/09/43. Taylor logo deixou claro que a divulgação do armistício era iminente e poderia até ser feita naquele mesmo dia.

Badoglio ficou muito irritado ao descobrir que fora levado a crer que isso só ocorreria dali a alguns dias. Já então, Badoglio tomara conhecimento dos termos do “Armistício Longo” e ficara revoltado com o tratamento dispensado aos italianos, que estavam sendo tratados como inimigos vencidos e

não como futuros aliados. Para piorar as coisas, Carboni afirmou que suas tropas não estavam prontas, não tinham munição nem combustível, a Divisão “Centaurio” não merecia confiança e que os aeródromos já estavam em poder dos alemães (o que era uma tremenda mentira). Além disso, o deslocamento de tropas italianas para a região de Roma, essencial para preservá-la dos alemães, não estava concluído (pelo menos isso era verdade).

Badoglio solicitou então um adiamento das operações e da divulgação do armistício ou, do contrário, declararam ele e Carboni, com 48.000 soldados alemães nas vizinhanças de Roma, eles não poderiam cooperar. Badoglio fez então o rascunho de um telegrama a ser enviado a Eisenhower insistindo no adiamento do anúncio do armistício até o dia 12.

O telegrama chegou ao QG aliado, em Bizerta, quase ao mesmo tempo que a mensagem cifrada de Taylor, que, devido à incerteza da cooperação italiana e aos efetivos, pelo menos aparentes, das forças alemãs, recomendava o cancelamento da operação aeroterrestre.

O pedido de Badoglio, longe de levar os aliados ao adiamento da Operação Avalanche, só conseguiu provocar um violento acesso de fúria em Eisenhower, coisa assaz rara. Ele e os demais oficiais reuniram-se e “Ike” (como era conhecido) declarou que, na sua opinião, o telegrama de Badoglio significava que os italianos pretendiam mudar de lado somente quando isso não significasse mais qualquer risco, ou seja, quando os aliados tivessem desembarcado quantidade de tropas capaz de garantir o sucesso – e quando vissem as pequenas forças que os aliados iriam desembarcar em Salerno, eles poderiam muito bem desistir da ideia!

Eisenhower então deu uma bronca muito desagradável em Castellano, que estava presente à reunião. Após breve discussão, “Ike” foi a um telefone através do qual ditou, aos berros, o seguinte telegrama dirigido a Badoglio: “Pretendo divulgar a existência do armistício na hora aprazada. Se você, ou qualquer parcela das suas forças armadas, não cooperar, como ficou acordado, publicarei para o mundo inteiro toda a história deste caso. Hoje é seu “Dia-X” e espero que cumpra a sua parte”.

O telegrama foi recebido em Roma por volta das 17h30min e provocou grande inquietação. Badoglio convocou os Chefes de Estado-Maior (Roatta⁴, do Exército, De Courten, da Marinha, e Sandalli, da Aeronáutica), o Ministro da Guerra (General Antonio Sorice), o de Relações Exteriores

⁴ Roatta não pôde comparecer e foi representado pelo seu Subchefe de Estado-Maior, General De Stefanis.

(Raffaele Guariglia), o da Casa Real (Duque de Acquarone), os Generais Ambrosio e Carboni e o Major Marchesi. Toda essa turma foi ter com o Rei, ocorrendo uma nervosa discussão sobre se deveriam ir em frente com o armistício, arriscando, possivelmente, uma violenta reação alemã, ou repudiar o acordo de 03/09/43. No meio da discussão, chegou a notícia do pronunciamento de Eisenhower na rádio de Argel. Carboni, muito excitado, propôs nada menos que a renúncia do governo Badoglio e o repúdio do armistício. Marchesi resumiu a questão declarando que não havia mais como voltar atrás e Guariglia arrematou que toda a discussão era inútil e que agora só lhes restava ir até o fim. O Rei então encerrou o debate, aceitando as imposições americanas.

O anúncio de Eisenhower foi ao ar às 18h30min: "O governo italiano rendeu-se incondicionalmente. Na qualidade de Comandante-em-Chefe dos aliados, concedi-lhe um armistício militar, cujas cláusulas foram aprovadas pelos governos do Reino Unido, dos Estados Unidos e da União das Repúblicas Soviéticas. Assim procedi na qualidade de representante das nações aliadas. O governo italiano comprometeu-se a respeitar essas cláusulas de modo irrestrito. O armistício foi firmado pelo meu delegado e pelo delegado do Marechal Badoglio e entra em vigor a partir do presente momento. Todos os italianos que nos auxiliarem a expulsar o invasor alemão do solo italiano terão a assistência e o apoio das Nações Unidas".

Badoglio foi então para a Rádio de Roma, transmitindo a sua proclamação às 19h45min: "O governo italiano, reconhecendo a impossibilidade de continuar a luta desigual contra a força esmagadora do inimigo e a fim de salvar a nação de novos e mais graves desastres, pediu um armistício ao General Eisenhower, Comandante-em-Chefe das Forças aliadas. O pedido foi aceito. Em consequência, todas as hostilidades pelas forças armadas italianas contra as forças britânicas e americanas têm, agora, de cessar. Elas, contudo, repelirão ataques de qualquer outra procedência." O recado final "ataques de qualquer outra procedência" era obviamente destinado aos alemães. Estava armado o cenário para a Batalha de Roma.

As Forças Italianas

Na região de Roma, como já foi dito, estava estacionado o *Corpo d'Armata Motocorazzato*, do General Carboni. Ele contava com a 135ª Divisão de

Cavalaria Blindada "Ariete", a 136ª Divisão Blindada "Centauro", a 10ª Divisão Motorizada "Piave" e a 21ª Divisão de Infantaria "Granatieri di Sardegna". Havia ainda o *Corpo d'Armata di Roma*, do General Alberto Barbieri, formado pela 12ª Divisão de Infantaria "Sassari" e unidades menores. Junto à costa estava o 17º *Corpo d'Armata*, do General Giovanni Zanghieri, que seria formado pelas divisões de infantaria 7ª "Lupi di Toscana", 13ª "Re" e 103ª "Piacenza", além das divisões costeiras 220ª e 221ª. No entanto, duas divisões estavam ainda em trânsito, a "Lupi di Toscana" (vindo da França) e a "Re" (Eslovênia). Como o anúncio do armistício e os desembarques aliados ocorreram antes do previsto, elas não chegariam a tempo de estar preparadas para a ação.

No papel, pelo menos, os italianos pareciam ter uma força impressionante na área de Roma, entre 60.000 e 70.000 homens. Porém, na realidade, as unidades blindadas estavam em fase de reconstituição após o seu aniquilamento na Tunísia⁵. A "Ariete", acantonada em Campagnano, tinha 8.500 homens e 176 tanques, carros blindados e canhões autopropulsados. Contudo, os blindados italianos (incluindo o novo tanque médio M15/42) eram muito inferiores aos modelos alemães, embora fossem todos recém saídos da fábrica. A "Centauro" até a pouco havia sido chamada de "Littorio" (e antes de "Divisão M") e seria uma formação especialmente constituída por "Camisas Negras"⁶ com experiência de combate, equipada com material alemão (ela então já contava com 12 Panzer IIIIN, 12 Panzer IVG, 12 Stug IIIG, 24 canhões antiaéreos de 88 mm e alguns StuH 42). Após a queda de Mussolini, a divisão foi rebatizada "Centauro" e os elementos notoriamente fascistas (e eram muitos) seriam afastados dela, de forma que ela ainda estava em fase de formação e treinamento⁷. A "Piave" era uma unidade confiável e experiente, tendo lutado nos Bálcãs e participado da ocupação do sul da França em novembro de 1942. A "Granatieri di Sardegna" estava com efetivos completos, contando mais de 12.000 homens, era bem treinada e estava com moral elevado. A "Piacenza" viera de La Spezia em julho e estabeleceu-se em Velletri. A "Sassari" (que havia retornado dos Bálcãs em abril) estava em processo de reorganização. A "Lupi di Toscana" e a "Re" estavam em comboios ferroviários se dirigindo para Roma. A "Ariete", do General Raffaele Cadorna, organizou sua defesa em três posições principais, sendo duas ao longo da Via Claudia (Manziana e Bracciano) e outra na Via Cassia (Monterosi).

⁵ De fato, essas unidades eram chamadas de "Ariete 2" e "Centauro 2", em alusão às divisões originais destruídas na Tunísia.

⁶ Tropas fascistas.

⁷ 50 oficiais e 700 "Camisas Negras" haviam sido sacados da divisão e substituídos por 33 oficiais e 600 praças regulares.

A “Piave”, do General Ugo Tabellini, ocupava uma posição em semicírculo ao norte de Roma entre a Via Cassia e a Via Tiburtina. Ela e a Ariete tinham por missão bloquear os acessos ao norte da cidade.

A Divisão “Granatieri di Sardegna”, do General Giocchino Solinas⁸, recebeu a missão de impedir que os alemães entrassem em Roma pelo sudoeste. Ela estabeleceu uma defesa em semicírculo entre a Via Boccea e a Via Collatina, numa frente de cerca de 30 quilômetros, bloqueando as Vias Boccea, Aurelia, Ostiense, Ardeatina, Appia, Tuscolana e Casilina. Ela montou 13 pontos-fortes e 14 pontos de controle de tráfego. No entanto, as posições não estavam adequadamente preparadas e havia escassez de munição e combustível – não que eles inexistissem, mas simplesmente devido à burocracia administrativa. Curiosamente, o depósito de combustível de Mezzocammino ficou de fora do perímetro defensivo.



Soldados italianos num Tanque Médio M15/42. Esse tanque era notoriamente inferior aos modelos alemães e aliados.

A “Piacenza”, do General Carlo Rossi, constituiu pontos-fortes em Cecchignola, Genzano, Lanúvio, Priverno, Cisterna, Sezze, Velletri, Gaeta e Scauri. Enquanto isso, a Divisão “Sassari”, do General Francesco Zani, estava em Roma e seria empenhada no setor sul da cidade.

A “Centauro”, do General Conde Carlo Calvi di Bergolo (que era genro do Rei), por sua vez, estava distribuída ao longo da estrada Roma-Tivoli e recebeu ordens para defender o aeroporto de Guidonia.

⁸ Solinas era um fascista convicto e posteriormente serviu à República de Saló.

⁹ Durante a ação, a 3ª *Panzergranadier* chegou a contar com o descomunal efetivo de 23 batalhões e meio,

A pior situação era a das divisões costeiras. As 220ª e 221ª Divisões mantinham um setor costeiro de cerca de 310 quilômetros, de Tarquínia à foz do Volturno. Assim sendo, extremamente dispersas como estavam, elas nada mais podiam fazer além de guarnecer postos de vigilância na costa.

O General Roatta, Chefe do Estado-Maior do Exército, recebeu a incumbência de comandar o *Corpo Motocorazzato* e o *Corpo di Roma*, sendo, portanto, o comandante de todas as tropas italianas diretamente envolvidas na luta por Roma.

As Forças Alemãs

Kesselring tinha na região de Roma o 11º *Fliegerkorps*, sob o comando do General Kurt Student. Ele contava com duas Grandes Unidades: a 2ª Divisão *Fallschirmjäger*, do General Hermann-Bernhard Ramcke (veterano de El Alamein) e a 3ª Divisão *Panzergranadier*, do General Fritz-Hubert Graser. A primeira contava com 14.000 homens (80% de seu efetivo nominal) e havia chegado recentemente, vinda da França. Estava estacionada em Pratica di Mare, com elementos acampados em Ostia. Sua principal missão era assegurar as comunicações com o 10º Exército no sul da Itália, garantindo assim a sua rota de retirada para o norte. Para isso, ela teria que dominar os Montes Albanos e as estradas que demandavam Roma. A 3ª *Panzergranadier* estava em Viterbo, com 24.000 homens⁹ e 450 veículos blindados de todos os tipos. Sua missão era assegurar as comunicações alemãs com o norte da Itália.

Kesselring estava ocupado em prever o próximo passo dos aliados. A 05/09/43, o reconhecimento aéreo havia informado que navios de desembarque aliados previamente observados entre Mers-el-Kebir e Túnis estavam se movendo para o leste. A 07/09/43, ficou evidente que um grande número de embarcações de desembarque havia saído de Bizerta e atingido a latitude da Calábria. Como estas flotilhas pareciam ser muito grandes para ser apenas um reforço aos desembarques do 8º Exército britânico na região, Kesselring concluiu que uma invasão importante da Itália continental era iminente.

Onde as tropas aliadas tocariam a terra era a pergunta. A baía de Salerno parecia ser um lugar provável, bem como a área Anzio-Nettuno e, possivelmente, até mesmo Civitavecchia. Embora a região de Roma talvez fosse muito distante das bases aéreas aliadas e tendo em mente que os aliados até então haviam tido uma abordagem estratégica

incluindo 6 de infantaria motorizada, 1 de reconhecimento, 1 antitanque, 3 de blindados, 9 de artilharia AA (que não tiveram nenhuma utilidade na batalha), 1 de recompletamentos (*Ersatz*) e 1 de pioneiros.

conservadora, um desembarque próximo de Roma estava dentro do reino das possibilidades. Kesselring também não poderia ignorar a Apúlia, o calcanhar da Itália, pois era curta a distância de lá aos portos do leste da Sicília, onde também haviam sido concentradas embarcações de desembarque. Ainda assim, a maior preocupação era a possibilidade dos aliados desembarcarem perto de Roma, que era o meio do caminho entre a região ocupada pelas seis divisões do 10º Exército e a área onde operava o estendido Grupo-de-Exércitos B. Os alemães precisavam garantir suas comunicações entre o sul e o norte da Itália através de estradas e, em particular, pelas pontes sobre o rio Tibre. As forças de Rommel no norte e de Vietinghoff no sul eram fortes o suficiente para lidar com as forças italianas e, ao mesmo tempo, oferecer uma oposição eficaz a um desembarque aliado. Mas, no centro, fortes unidades italianas superavam as forças relativamente pequenas de Kesselring. Apesar de seus números menores, os alemães poderiam muito bem ser capazes de lidar com os italianos sozinhos. Mas, se os italianos recebessem o reforço de tropas aliadas perto de Roma (fosse por desembarque anfíbio, salto de paraquedistas ou uma combinação de ambos), a situação se tornaria extremamente crítica.

Por volta do meio-dia de 08/09/43, os aliados realizaram um violento bombardeio aéreo contra Frascati, onde estava localizado o QG de Kesselring. As bombas causaram grandes estragos na cidade e várias atingiram as imediações do QG alemão. Kesselring não se feriu, mas as comunicações foram interrompidas, à exceção de uma linha telefônica do quarto de seu Chefe de Estado-Maior, o General Siegfried Westphal, que permaneceu em contato com o OKW e com os comandos subordinados. Os alemães julgaram corretamente que o bombardeio significava um ataque de interdição e pressagiava um desembarque aliado. Kesselring então mandou Westphal se encontrar com Roatta. Enquanto Westphal estava com Roatta, Kesselring recebeu o primeiro informe da rendição italiana: Jodl telefonou do OKW perguntando se alguém na Itália já sabia algo sobre a capitulação, pois o OKW havia captado a transmissão de Eisenhower na rádio de Argel. Cerca de uma hora e meia depois, a embaixada alemã em Roma recebeu a mensagem formal do Ministério dos Negócios Estrangeiros: a Itália havia se rendido aos aliados. O adido militar adjunto telefonou ao QG de Kesselring e passou a informação. Assim, às 20h20min, Kesselring emitiu a palavra-código *Flohzyklus* (Circo de Pulgas) e todas as unidades alemãs passaram a ocupar pontos estratégicos em toda a Itália.

Uma vez que o anúncio do armistício insinuava que existia uma estreita cooperação dos italianos com os aliados, os alemães se prepararam para

uma invasão no litoral perto de Roma, incluindo um ataque aerotransportado, e agiram com a costuma rapidez e decisão.

A Batalha

Kesselring ordenou que a 3ª Divisão *Panzergranadier* seguisse para Roma para ajudar a 2ª *Fallschirmjäger*. A 3ª iniciou então seu deslocamento, avançando rapidamente ao longo de duas rodovias, a Via Claudia e a Via Cassia, em direção a Roma. Porém, nas primeiras horas do dia 9, ela colidiu com a “Ariete”, primeiro em Monterosi e, depois, em Manziana.

O 2º Tenente de Engenharia Ettore Rosso estava com um grupo de engenheiros em Laghetto, na Via Cassia, instalando minas quando, às 04h00min, se aproximou uma coluna da 3ª *Panzergranadier*, com dois batalhões de infantaria e pelo menos 30 tanques (era o *Kampfgruppe* Grösser). Rosso imediatamente atravessou dois caminhões de explosivos na estrada, bloqueando-a totalmente. O comandante da coluna aproximou-se e ordenou que ele retirasse os caminhões, mas Rosso se recusou. O alemão então deu 15 minutos de prazo para o jovem tenente, tempo que ele e outros quatro voluntários aproveitaram para montar uma armadilha. Expirado o prazo, os alemães atacaram. Vendo que não seria possível deter os alemães, Rosso detonou os explosivos. A tremenda explosão matou Rosso, os voluntários que estavam com ele e uma dúzia de alemães, incluindo o comandante da coluna. Rosso foi agraciado, postumamente, com a *Medaglia d'Oro Al Valor Militare* (Medalha de Ouro ao Valor Militar), a mais alta condecoração militar italiana.

Os *Panzergranadiere* recuaram e isso deu tempo para a “Ariete” se preparar para deter os alemães em Monterosi, onde estavam o 16º *Reggimento Motorizzato Cavalleggeri di Lucca* e o 3º Grupo do 135º *Reggimento Artiglieria Corazzata*. Os italianos estavam bem postados em posições fortificadas, protegidos por bem colocados campos minados na estrada e com fogo de artilharia bem direcionado. Ao amanhecer, a coluna alemã estava bloqueada em Ronciglione e os alemães foram forçados a recuar. Houve mais de 70 baixas (incluindo 20 mortos) e 4 tanques destruídos entre os italianos. Estima-se que as perdas alemãs tenham sido similares e vários de seus veículos foram deixados para trás em chamas. O próprio Cadorna ficou impressionado com o desempenho de sua divisão.

Na Via Claudia, o sargento Udine Bombieri, comandante de um canhão autopropulsado (*semoventi*) do 10º *Reggimento Corazzato Lancieri di Vittorio Emanuele II*, viu sua posição ser atacada por tanques alemães. Ele resistiu tenazmente e seu

veículo foi penetrado por um projétil. Ele então recebeu ordem de abandonar o veículo. Ferido, ele ordenou ao operador de rádio e ao motorista que abandonassem a peça, mas ele continuou operando o canhão sob fogo inimigo até a peça ser completamente inutilizada. Ele então deixou o veículo, mas foi novamente ferido por estilhaços. Caído mortalmente ferido, continuou enfrentando os alemães com sua pistola, recusando o auxílio do seu comandante de pelotão, que tentou aproximar-se para ajudá-lo. Então, foi morto pelas costas por um soldado alemão. Ele foi agraciado, postumamente, com a Medalha de Ouro ao Valor Militar. Enquanto o 18º *Reggimento Bersaglieri Corazzato* (unidade do QG de Corpo), enfrentava os alemães em Settecamini, a “Centaurio” não se mexeu. De fato, a “Centaurio” em momento algum engajou os alemães.

Ao sul de Roma, a 2ª Divisão *Fallschirmjäger* tinha diante de si nada menos que três divisões de infantaria e duas divisões costeiras italianas. No entanto, poucas horas depois do anúncio do armistício, ela já havia atingido a linha de costa perto de Roma e não teve nenhum problema para desarmar as tropas das 220ª e 221ª Divisões Costeiras. Além disso, dois batalhões de “Camisas Negras” passaram para o lado alemão, informando a eles as senhas das sentinelas. A “Piacenza”, estando tão dispersa como estava e praticamente entre os acampamentos germânicos, não pôde oferecer uma resistência eficaz, exceto na região entre Cecchina e Albano, junto aos Montes Albanos, onde o 111º Regimento ofereceu alguma resistência. Em Albano, um frade capuchinho, indiferente ao combate, ia e vinha constantemente pelo campo de batalha para dar conforto aos moribundos e para transportar num carrinho de mão os corpos dos que haviam tombado. Naquela localidade, os alemães tentaram uma retaliação contra civis, retendo dezenas de pessoas na cidade. No entanto, a população local tomou as ruas em um silêncio ameaçador, insinuando que não iriam tolerar a violência contra cidadãos inocentes. Os alemães, após uma breve discussão, libertaram todos os prisioneiros.

Os alemães realizaram uma hábil campanha de persuasão. Explorando a confusão italiana e a falta de orientação superior, eles ofereceram tréguas locais e apelaram à honra dos oficiais italianos como antigos camaradas para evitar o derramamento de sangue. Eles asseguraram aos soldados italianos que a guerra havia acabado para eles e que poderiam ir para casa se quisessem. O último argumento soou convenientemente parecido com o

anúncio do armistício de Badoglio e muitos italianos jogaram fora suas armas e fardas e desapareceram.

Na Via Ostiense, os *Fallschirmjäger* aproximaram-se de um acampamento dos *granatieri* e comentaram que a guerra para os italianos havia acabado. Sendo assim, não iriam eles precisar mais de armas e, portanto, podiam entregá-las para eles. Quando essa ridícula abordagem falhou, eles ofereceram geleia e cigarros em troca das armas. Os que aceitaram a oferta e se encaminharam para o acampamento alemão não foram mais vistos. Em seguida, os alemães decidiram ser mais diretos e chegaram empunhando armas, eclodindo daí um tiroteio confuso que gerou diversas baixas. Os italianos então recuaram para posições diante do rio Magliana e os alemães se apoderaram de seus morteiros.

Ainda durante a noite, uma companhia de paraquedistas alemães realizou um ataque frontal ao ponto-forte italiano junto à ponte do rio Magliana, perto do depósito de combustível de Mezzocammino. O ponto foi conquistado, mas, com a chegada de um grupo de *Carabinieri* e da PAI¹⁰, a posição foi recuperada. Tombaram nesse confronto 38 italianos e 22 alemães. Os paraquedistas então começaram a atacar outros pontos, chegando ao depósito de combustível de Mezzocammino e rapidamente dominando o pequeno destacamento que o guarnecia. O 3º Batalhão de *Granatieri* (da Divisão “*Granatieri di Sardegna*”) recebeu ordens de contra-atacar, reforçado por dezenas de *Carabinieri*. Porém, a escuridão e a deficiência crônica de coordenação prejudicaram a ação e os italianos voltaram para suas posições após um breve tiroteio, que custou, não obstante, algumas baixas. No entanto, a noite terminou com a situação ainda muito confusa.

No Forte Ostiense (uma fortaleza concluída em 1884, mas que até poucos anos antes era usada como uma instituição para atendimento de crianças com deficiência mental), freiras improvisaram um hospital de campanha. Para pintar uma cruz vermelha para identificação do hospital, na falta de tinta vermelha, foi usado o próprio sangue dos feridos¹¹.

Perto de um hospital de campanha improvisado, dentro das linhas italianas, havia um acampamento alemão. Curiosamente, ninguém os importunava e os alemães, por sua vez, vendiam cobertores e comida aos civis, totalmente indiferentes à batalha. Alguém perguntou o que eles fariam e eles responderam que seus oficiais haviam fugido

¹⁰ Polizia Africa Italiana – Formação policial especialmente destinada às colônias italianas na África. Com a perda do Império, ela foi usada então na Itália.

¹¹ Ao fim da batalha, os religiosos providenciaram para que muitos soldados feridos se disfarçassem de trabalhadores civis, escapando do aprisionamento.

e que agora eles eram prisioneiros de guerra. Colunas de soldados italianos passavam por eles, olhavam e simplesmente seguiam em frente. Que guerra mais esquisita...

Por volta das 05h15min, a “Ariete” e a “Piave” receberam ordens de deixar as suas posições e se mover para Tivoli, a pouco mais de 30 quilômetros a leste de Roma. A ordem havia sido dada por Salvi, a mando de Roatta, para proteger a fuga do governo, em detrimento da defesa da capital. A execução estava prevista para a madrugada de 08-09/09/43, mas os dois comandantes de divisão, Cadorna e Tabellini, achando a ordem absurda e ignorando a sua verdadeira finalidade, atrasaram a sua execução, limitando-se ao envio de vanguardas para Tivoli.



Termina a luta em Monterotondo. Italianos se rendem aos *Fallschirmjäger*.

Por volta das 09h00min, o 2º Batalhão do 6º Regimento *Fallschirmjäger* (665 homens, comandados pelo Major Walter Gericke) saltou sobre Monterotondo, a 30 quilômetros a nordeste de Roma, numa tentativa de capturar o Comando Supremo italiano. Defendendo o local estava um batalhão do 58º Regimento e uma bateria do 20º Regimento de Artilharia (ambos da “Piave”). Também participaram da luta um batalhão da PAI, *Carabinieri*, elementos da “Re” (que haviam acabado de desembarcar do trem) e civis armados. Os italianos ofereceram obstinada resistência. Embora elementos da “Ariete” tenham sido enviados como reforço, os alemães conseguiram sobrepujar os defensores, capturando pelo menos 2.500 soldados italianos (as baixas italianas foram de 156, sendo 125 militares e 31 civis), ao custo de 52 mortos, 79 feridos e 4 desaparecidos. No entanto, tudo fora em vão: Roatta e seu Estado-Maior já haviam partido¹².

Durante a batalha, Tabellini recebeu novas ordens,

agora de Calvi di Bergolo, que havia assumido interinamente o comando do Corpo, para efetuar o movimento para Tivoli. Inconformado, ele iniciou a execução da ordem, embora parte de sua divisão estivesse então engajada.

Com a chegada das primeiras notícias sobre os desembarques aliados em Salerno e em Taranto, o pesadelo alemão de um envolvimento anfíbio feito pelos aliados desapareceu. Seu desembarque no território continental italiano havia sido um óbvio e metódico lance dentro do alcance de cobertura aérea aliada – e não uma operação destinada a tirar partido da cooperação italiana. Ainda assim, tornou-se absolutamente necessário aos alemães garantir suas comunicações com o sul.

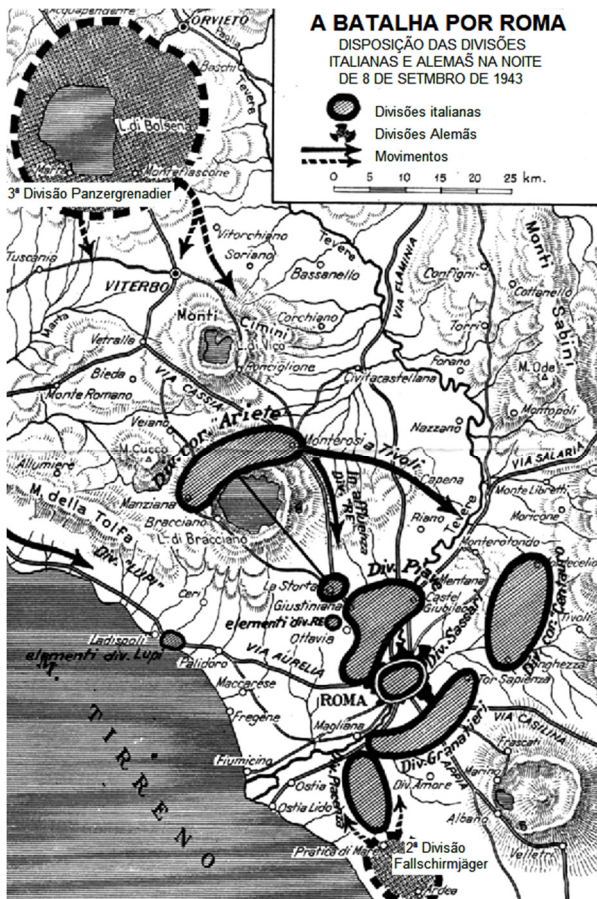
Enquanto essas primeiras ações ocorriam, a situação no comando italiano teve um súbito e inesperado contratempo: no início da manhã, o General Carboni desapareceu, sem que ninguém conseguisse encontrá-lo. Ele estivera no seu QG por volta das 22h00min da véspera e, após receber alguns informes otimistas, se recolheu.

Aconteceu que, por volta das 04h00min, após receber os primeiros informes dos movimentos alemães, Roatta concluiu que a situação era sem esperança. Ele acordou Badoglio e o convenceu de que ele e a Família Real deveriam deixar Roma. Depois, entregou a Carboni uma ordem escrita a lápis¹³, em que prescrevia que o *Corpo Motocorazzato* recuasse para Tivoli para proteger a fuga dos governantes. Assim, às 05h10min, o comboio de autoridades deixou Roma com destino a Pescara. Após conversar com os oficiais de seu Estado-Maior sobre a ordem de recuar (que os deixou revoltados), Carboni decidiu então tentar alcançar o comboio de autoridades. Trajando roupas civis (alegando que não queria ser reconhecido pelos alemães nem pelos “Camisas Negras”), ele, seu filho, o Capitão Guido Carboni, e outros dois oficiais, chegaram a Tivoli por volta das 08h00min. Carboni esperava encontrar novas ordens quando chegasse a Tivoli ou Ársoli, mas não encontrou nada e nem mesmo os membros do Estado-Maior do Exército, que estavam se estabelecendo em Tivoli após escapar de Monterotondo, ajudaram a esclarecer a situação. Os Generais De Stefanis e Adamo Mariotti, subordinados de Roatta, passaram por Tivoli naquela manhã a caminho de Pescara, mas, apesar de terem visto Carboni, não falaram com ele. Carboni seguiu então para o leste ao longo da Via Tiburtina. Em Ársoli, cerca de 20 quilômetros a leste de Tivoli, ele soube que automóveis com vários oficiais de alto escalão haviam passado pouco antes. Decidindo voltar a Tivoli,

¹² Existem as mais díspares versões sobre essa batalha – numa delas, os alemães teriam sido rechaçados e os italianos só se renderam após o anúncio do cessar-fogo.

¹³ A ordem original desapareceu e depois surgiram diferentes versões dela. Numa delas, Carboni deveria transferir o seu QG para Tivoli.

Carboni enviou dois oficiais para encontrar Roatta. Após seguir por mais 11 quilômetros até Carsoli, eles encontraram Roatta, a quem relataram que Carboni havia ido para Tivoli e que ele os havia enviado para manter a comunicação entre Carboni e Roatta. Porém, ele não deu novas ordens e, deixando o problema do que fazer com as forças em torno de Roma para Carboni, Roatta e Ambrosio continuaram rumo a Pescara.



Disposição das tropas alemãs e italianas em torno de Roma na véspera da batalha.

Dessa forma, durante toda a crítica manhã do dia 9, a cadeia de comando tornou-se precária, diante da ausência do Rei, do Primeiro-Ministro, do Chefe do Estado-Maior Geral, do Chefe do Estado-Maior do Exército e do Comandante de Corpo. Às 09h30min, Salvi telefonou para o mais velho dos comandantes de divisão, o General Calvi di Bergolo, da "Centaurio", insistindo para que ele assumisse o comando do *Corpo Motocorazzato*. Calvi di Bergolo concluiu, pelas informações prestadas por Salvi, que o objetivo da transferência do Corpo

para Tivoli era abandonar a defesa de Roma e concentrar as forças móveis num ponto de onde elas poderiam recuar para Avezzano ou retomar o rumo de Roma, no caso de um desembarque aliado. Ele aceitou a incumbência a contragosto, decidindo que assumiria o comando às 16h00min se até lá Carboni não aparecesse. No entanto, por volta das 12h00min, ele ordenou a Tabellini que colocasse a "Piave" em marcha para Tivoli.

No entanto, Carboni voltou para Tivoli após as 13h00min e reassumiu o comando. Avisado de seu retorno, Calvi di Bergolo foi ao seu encontro. A primeira intenção de Carboni foi levar avante a retirada para a região de Tivoli de suas mais confiáveis divisões, a "Ariete" e a "Piave". Carboni, que continuava sem ordens, discutiu então com Calvi di Bergolo o que deveriam fazer. Este sugeriu que as forças italianas se movessem para o leste ao longo da Via Tiburtina em direção à bacia do rio Avezzano e das montanhas Abruzzi, para ali estabelecerem um reduto. Os veículos poderiam ser abandonados quando eles ficassem sem combustível, mas as unidades deveriam ser mantidas intactas tanto quanto possível.

A sugestão de Calvi di Bergolo não impressionou Carboni, mas dois outros eventos o alarmaram. Em primeiro lugar, Calvi di Bergolo relatou um comportamento errático e desleal do Coronel Salvi (na verdade, ele estava desesperado devido ao sumiço de Carboni). Isso era desanimador, pois a única explicação para tal comportamento seria uma crise em Roma. Carboni pediu então ao Chefe dos Engenheiros, o Coronel Giuseppe Montezemolo, informalmente, para servir como substituto de Salvi, um arranjo que continuou valendo mesmo depois que Salvi apareceu em Tivoli naquela mesma tarde. Em segundo lugar, um telefonema do General Gastone Gambarra, que comandava o 11º *Corpo d'Armata* em Fiume. Gambarra perguntou se a ordem para por em prática a Ordem de Operações 44¹⁴ havia sido emitida. Sob a orientação de Carboni, Montezemolo disse que, com base na proclamação de Badoglio e em consequência do ataque alemão a Roma, a Ordem de Operações 44 devia entrar em vigor. O que era intrigante e desanimador nisso era que a consulta de Gambarra dava a entender que nenhuma tropa italiana, exceto as sob o comando de Carboni, estava ativamente opondo-se aos alemães.

Enquanto isso, a 3ª *Panzergranadier* reagrupou-se, trouxe infantaria e ameaçou realizar um ataque esmagador contra o setor ao norte de Roma. Durante esse intervalo, porém, a "Ariete" e a "Piave"

¹⁴ A 01/09/43, foi emitida a Ordem de Operações 44, que prescrevia as ações a serem efetuadas no caso de abertura de hostilidades com os alemães. Instruções posteriores deixaram claro que, em caso de interrupção de

comunicações com o comando e/ou estando sob ataque alemão, os comandos deveriam agir por iniciativa própria, sem se deixar subjugar pelos germânicos.

havam se retirado, sendo substituídas em linha pela “Re”, do General Ottaviano Traniello. Desconhecendo o fato, o General Graser, o comandante alemão, manteve a sua atitude ameaçadora, mas evitou lançar um ataque.

Ao sul de Roma, a Divisão “Granatieri di Sardegna”, reforçada pelo *Reggimento Lancieri di Montebello* e pelo 600º *Gruppo Semoventi*¹⁵ (ambos da “Ariete”), manteve-se firme e recusou dois apelos feitos pelos alemães para permitir a eles entrar em Roma. No entanto, os paraquedistas alemães, apoiados por tanques, continuaram a exercer forte pressão contra as posições que guardavam a Via Ostiense e a Via Laurentina e, no final da tarde, haviam posto fora de combate várias baterias de artilharia italianas. Durante a noite de 9 para 10, os italianos recuaram para trás do rio Magliana, deixando a estrada Aurelia livre para os alemães seguirem para o norte, se assim desejassem. Como não era esse o caso, a luta voltou a grassar intensamente na área da pirâmide de Caio Cestio, na Porta San Paolo, na Piazzale Ostiense e na Porta San Sebastiano.



Posição de metralhadora do 1º Regimento *Granatieri*, parte da Divisão “Granatieri di Sardegna”.

Na Porta San Paolo, na manhã do dia 10, teve lugar um dos mais sangrentos combates da luta por Roma. O Capitão Vincenzo Pandolfo, comandante da 10ª Companhia de *Granatieri*, liderou uma carga de baionetas contra os alemães, repelindo-os e mantendo resolutamente sua posição por dois dias. Então, foi atingido no peito por uma rajada de metralhadora. Cômico de que não sobreviveria, ele recusou qualquer auxílio e continuou exortando seus homens, até expirar, aos gritos de “Décima, Avanti”! Ele foi agraciado, postumamente, com a Medalha de Ouro do Valor Militar.

No entanto, a heroica ação dos *Granatieri* não poderia durar muito mais. O violento combate no sul da cidade terminou com a vitória alemã e, pela manhã do dia 10, os *Fallschirmjäger* já penetravam na

cidade.

Já então, a “Ariete” e a “Piave” haviam chegado à área de Tivoli e Carboni ordenou então que elas atacassem a 2ª *Fallschirmjäger* a fim de aliviar a pressão sobre a “Granatieri di Sardegna”. No entanto, enquanto elas estavam se preparando para executar o ataque, a conclusão de todos esses eventos já saíra da esfera militar e passara para a política.

A Situação Política em Roma

No início do dia 09/09/43, a situação tornou-se muito tensa em Roma. Com a partida da Família Real e dos principais elementos do governo, os romanos ficaram com a sensação de que não havia nenhuma liderança efetiva na cidade. A rádio havia silenciado, as lojas foram fechadas e os mercados ficaram desertos. Apenas os padeiros, que por força da profissão começavam sua faina antes de todo mundo, haviam fabricado o pão.

Os boatos se espalhavam entre os transeuntes: os alemães haviam fugido para o norte, Mussolini havia morrido durante uma cirurgia em Campo Imperatore, os aliados haviam desembarcado em Civitavecchia e os britânicos já estavam em Cisterna. As jovens ficaram durante todo o dia nas soleiras das portas à espera para receber os libertadores. Caminhões cheios de sorridentes soldados italianos seguiam para a batalha, recebendo aplausos da população. Quem foi pela manhã aos arredores da Basílica de San Paolo ainda esperava por um milagre e rezava para que Roma mais uma vez afastasse o invasor de seus portões.

Então surgiu uma situação inusitada: o poder na capital foi assumido de fato por um personagem novo no palco, o Marechal Enrico Caviglia.

Caviglia, então com 81 anos, havia sido rival de Badoglio durante anos e, naquele verão de 1943, se tornou cada vez mais preocupado com o que julgava ser a má administração de Badoglio. De fato, o Rei havia considerado a hipótese de Caviglia ser o sucessor de Mussolini, mas Caviglia não tinha feito nada nesse sentido. Ele mantinha contato com a Coroa, mas permaneceu distante das questões governamentais até o verão de 1943. Então, sua impaciência com a liderança de Badoglio o levou a solicitar uma audiência com o Rei. Ironicamente, a audiência foi marcada justamente para a manhã de 09/09/43. Enquanto ele jantava com amigos naquela noite, ele ouviu o anúncio do armistício feito por Badoglio. Isto confirmou suas piores suspeitas – ele estava certo de que Badoglio havia fugido, embora acreditasse que o Rei e o Comando Supremo permaneceriam em Roma para

¹⁵ Grupo de Canhões Autopropulsados.

enfrentar a situação.

Na manhã seguinte, Caviglia encontrou a maior confusão na cidade. Apenas os porteiros estavam de serviço no Palácio do Quirinal – sem guardas, nem *Carabinieri*. Ninguém respondia pelo Ministério da Guerra. No Ministério da Aeronáutica, um major percorria os corredores desertos com 6 milhões de liras nas mãos sem saber o que fazer com eles. A preocupação de Caviglia aumentou quando ele encontrou o General Vittorio Sogno, então lotado na Albânia, que tinha chegado a Roma em roupas civis para receber ordens do Comando Supremo. Sogno disse a Caviglia que estava procurando em vão por Barbieri, que não estava em seu escritório. Ele também soube que Carboni havia sido colocado no comando de todas as forças em torno de Roma, mas ele havia desaparecido. Sogno tinha estado no Comando Supremo, mas não tinha encontrado um único oficial superior. O escritório de Roatta estava vazio. E Sogno tinha ouvido um boato de que os *Carabinieri* e as formações de treinamento haviam sido dissolvidos. No Palazzo Caprara, Caviglia encontrou Salvi. Com os olhos vermelhos de choro, Salvi declarou que não sabia onde estava Carboni. Afinal, Caviglia fez a descoberta dolorosa de que o Rei também havia fugido em companhia de Badoglio e oficiais de alta patente. Chocado e deprimido, Caviglia voltou ao Ministério da Guerra, onde encontrou Sorice, o Ministro da Guerra.

Sorice disse-lhe que Badoglio o havia instruído na noite anterior, depois de decidir deixar Roma, para notificar os ministros civis dos movimentos do governo. Sorice deveria informar aos ministros para encontrar o Rei e seu grupo em Pescara, porém, Sorice só conseguiu encontrar os membros civis do gabinete juntos naquela manhã, quando, reunidos no Palácio Viminale e com a presença de Caviglia, eles ficaram surpresos pela notícia da partida do Rei e de Badoglio. A primeira reação do ministro da Propaganda, Carlo Galli, foi chamar um tabelião e fazer um registro oficial de sua completa ignorância das negociações do armistício. Quando Sorice avisou o ministro do Interior, Umberto Ricci, que Badoglio o havia investido com a responsabilidade pelo governo civil de Roma, Ricci recusou a “honra” imediatamente e demitiu-se.

Neste momento, Caviglia meteu o bedelho. Ele tentou enviar um telegrama ao Rei pedindo autorização para assumir plenos poderes em Roma durante a ausência do chefe de Governo, mas ele não podia saber exatamente onde o Rei estava e se comprometeu a agir sob sua própria responsabilidade, derivando seu poder do seu prestígio como um Marechal da Itália.

O primeiro pensamento de Caviglia foi poupar Roma e sua população da devastação da batalha. Para esse fim, ele sentiu a necessidade de entrar

em acordo com os alemães. O General Umberto di Giorgio, que, aparentemente, havia sucedido o General Barbieri no comando das defesas internas de Roma, não só soube que as tropas italianas não podiam enfrentar as forças alemãs, como também que os suprimentos disponíveis para os civis eram suficientes para apenas alguns dias. Ele fez várias tentativas, em vão, de entrar em contato com Carboni. Caviglia tentou entrar em contato com os alemães, mas o embaixador Rudolph Rahn e os funcionários da embaixada alemã haviam partido e, para chegar ao QG de Kesselring, fora da cidade, era necessário atravessar o campo de batalha. Para tranquilizar a população, Caviglia fez com que Galli emitisse boletins na rádio e distribuisse cartazes conclamando as pessoas a manterem a calma e assegurando-lhes que negociações estavam sendo encetadas com os alemães.

Nesse íterim, Sorice localizou Carboni em Tivoli e telefonou-lhe pedindo para ir a Roma. Carboni, acompanhado por vários membros de seu Estado-Maior, deixou Tivoli por volta das 07h00min do dia 10. Em seu caminho, Carboni notou que tudo parecia tranquilo ao norte da cidade, mas, no sul, os paraquedistas alemães continuavam a pressionar. Nesse meio tempo, Barbieri apareceu, à paisana, no QG do *Corpo di Roma* e telefonou para a agência Stefani negando as declarações de Caviglia, cuja autoridade ele, como comandante da praça militar de Roma, não reconhecia. No entanto, assediado por repórteres, Barbieri se confundiu, disse que já estava acertado um acordo com os alemães, que dera ordens à “Piave” para marchar para Roma (a “Piave” não fazia parte de seu comando) e que a capital seria defendida a todo custo. Ao ser informado que civis estavam lutando ao sul da cidade e que os alemães já nela penetravam, ele decidiu telefonar para o Ministério da Guerra. Ao retornar da ligação, sua expressão tornara-se de total acabrunhamento, sendo obrigado a admitir que os pronunciamentos de Caviglia eram autênticos, que os alemães haviam violado o acordo e que já estavam realmente invadindo Roma.

A fuzilaria e as explosões nos arredores do sul da cidade podiam ser ouvidas por toda Roma. Civis e militares, jovens e veteranos, empunhando todo tipo de arma, encontradas sabe Deus onde, dispunham-se a combater o odiado invasor. Uma tropa de Dragões passou cavalgando em direção à batalha e foi aplaudida pela população. Um soldado disparava uma metralhadora deitado no chão quando apareceu um carro blindado. O metralhador do veículo havia sido morto e o motorista pediu ajuda para retirar o seu corpo. Em seguida, pediu que alguém o substituísse. O soldado que disparava a metralhadora deitado atendeu e subiu no veículo – momentos depois, ele também foi morto.

Um motorista de ônibus arremeteu com seu veículo contra a frente do Hotel Continental, onde um grupo de alemães estava entrincheirado, e lançou granadas de mão através das janelas. No fim da tarde, os sobreviventes da tropa de cavalaria que marchara tão altaneira mais cedo retornaram cabisbaixos, muitos trazendo cavalos sem cavaleiro. Quando Carboni chegou ao escritório de Sorice no Ministério da Guerra, ele foi conduzido imediatamente a Caviglia, que então havia se tomado de fato uma espécie de chefe de um governo provisório e o comandante das forças civis e militares na capital. Carboni informou a Caviglia sobre a situação militar, explicando como ele tinha recebido ordens de Roatta para retirar as suas forças para Tivoli e indicou que ele não podia simplesmente deixar as tropas em Tivoli indefinidamente. Ele tinha combustível suficiente para se mover para as montanhas Abruzzi, mas, agora, ele pretendia trazer a "Ariete" e a "Piave" de volta para Roma para salvar a capital dos alemães.

Ainda sem a autorização do Rei para a sua assunção ao comando, Caviglia expressou-se de modo pouco claro, o que Carboni interpretou como uma aprovação de suas intenções. Carboni, em seguida, montou seu posto de comando em um apartamento particular em Roma. Equipado com dois telefones e com uma boa observação de ruas estratégicas, o apartamento era bem localizado para os fins pretendidos por Carboni. Ele começou a incitar a resistência civil contra os alemães e a dirigir as operações das unidades militares. No entanto, quando as transmissões e editais de Caviglia apareceram na manhã do dia 10, eles minaram qualquer espírito combativo que porventura tivesse existido no seio da população civil e das tropas e foram um rude golpe no plano de Carboni para continuar a luta. Ele então ordenou aos *Carabinieri* que removessem os cartazes "derrotistas" e mandou espalhar a notícia de que os aliados desembarcaram em Ostia e que as divisões "Ariete" e "Piave" estavam rumando para Roma.

Carboni aprovou as ordens para Cadorna atacar com a "Ariete" e ordenou a Tabellini que trouxesse a "Piave" para auxiliar a muito pressionada "Granatieri di Sardegna". Ele ainda encorajou o General Traniello, da "Re", e o General Solinas, da "Granatieri di Sardegna", a resistir a todo custo. Por fim, Carboni enviou as tropas que conseguiu encontrar para reforçar a resistência ao sul de Roma, várias delas ociosas nos quartéis, esperando por ordens. Dragões da *Genova Cavalleria* (os cavaleiros que haviam cavalgado sob os aplausos do povo), um grupo de morteiros da divisão "Sassari" (armado

apenas com fuzis), três companhias do depósito do 4º *Reggimento Fanteria Carrista* (Infantaria Blindada), elementos do 2º de *Bersaglieri*, cadetes dos *Carabinieri*, companhias de guerra química e de serviços, todos enviados para cobrir os acessos da cidade do Testaccio à Porta Metronia, Porta San Giovanni e Santa Croce.



Fallschirmjäger entram em Roma.

Embora a "Ariete" e a "Piave" tivessem recebido uma contraordem por volta das 10h45min, a ordem para marchar para Roma havia sido confirmada pouco depois. No entanto, e a despeito de receber ordens diretas, Cadorna não empenhou a "Ariete" e desapareceu de seu QG pelo resto da manhã. Carboni enviou um oficial para verificar o que estava acontecendo e confirmar a ordem, mas Cadorna disse então que precisava de ordens por escrito, pois não conhecia o homem enviado por Carboni (com quem já tivera contatos anteriores) e alegou ter suspeitado de uma armadilha alemã. Recebendo as ordens por escrito, manteve a "Ariete" imóvel, alegando um ataque alemão inexistente a Tivoli. As colunas finalmente ficaram prontas para partir às 14h00min, mas agora sob o comando do General Dardano Fenulli, subcomandante da divisão. Havia sido perdidas 7 horas e meia e agora era tarde demais¹⁶.

Para obter o apoio dos civis para lutar em defesa da capital, a 06/09/43, Carboni havia retirado 500 fuzis, 400 pistolas e 15 mil granadas de mão. Ao

¹⁶ No pós-guerra, Cadorna foi acusado de traição, insubordinação e colaboracionismo. Uma comissão de inquérito investigou suas ações nesses dias. No entanto,

isso não o impediu de se eleger senador e cumprir mandatos de 1948 a 1963.

amanhecer do dia 9, essas armas foram entregues aos integrantes do CLN (*Comitato di Liberazione Nazionale*, ou Comitê de Libertação Nacional), formado por vários partidos que agora desejavam tomar parte na libertação do país e na destruição do fascismo. Luigi Longo, líder do Partido Comunista, havia se encarregado da distribuição. A 10/09/43, Longo chegou ao posto de comando de Carboni, que pediu a ele que combatentes civis fossem apoiar a luta no sul da cidade. Um pouco mais tarde, por volta do meio-dia, Carboni enviou o Dr. Edoardo Stolfi dizer ao CLN que estava na hora de armar a população e ajudar os militares a resistir aos alemães. No entanto, a comissão se recusou a fazer isso, embora muitos cidadãos tenham, por iniciativa própria, lutado ao lado dos militares, particularmente na Porta San Paolo.



Soldados italianos combatem na Porta San Paolo, a 10/09/43. À direita, um *Semoventi*.

Havia muitos civis armados, trabalhadores, artistas, estudantes, além de soldados misturados nessa turba, entre os quais uma centena de paraquedistas que estavam de passagem por Roma e que, por iniciativa própria, se postaram em uma barricada na junção da Via Ostiense com a Via Laurentina e acabaram por enfrentar os alemães. Apesar disso, não havia nada em Roma que se assemelhasse a um levante popular. Os romanos estavam desiludidos, com medo e cansados da guerra. Numa espécie de alienação e apatia desesperadas, eles queriam apenas a paz e tinham recebido o anúncio do armistício com satisfação. Cinemas funcionaram normalmente e ficaram cheios, como se não estivesse acontecendo nada. O povo preferia ouvir as transmissões de rádio de Caviglia e ler os cartazes que estavam pedindo para ficar quietos ao invés de seguir Carboni, que oferecia apenas uma árdua e perigosa aventura.

A Trégua

Às 17h00min de 09/09/43, um parlamentar alemão, o Capitão Hans Schacht, apresentou-se no QG da "Centauro" em Bagni Acque Albule, cerca de 20 quilômetros a leste de Roma. Schacht transmitiu um apelo pessoal do General Student a Calvi di Bergolo, em que Student declarava sua estima pessoal por ele, sua fé na atitude amigável das tropas da "Centauro" e fez ainda um pedido para que ele tratasse os soldados alemães como amigos. Se se tratava de uma exigência de rendição, um pedido para que as forças alemãs passassem sem ser molestadas ou uma oferta de capitulação honrosa, não ficou claro, mas Schacht, de qualquer forma, declarou que "dentro de poucas horas, os alemães serão senhores incontestes de Roma". Em resposta, Calvi di Bergolo enviou seu Chefe de Estado-Maior, Tenente-Coronel Leandro Giaccone, para o QG de Kesselring para saber exatamente que termos os alemães ofereciam. Quando Carboni soube do episódio, ordenou que Giaccone fosse vigiado.

Acompanhado por um tenente como intérprete, Giaccone chegou ao QG de Kesselring às 21h00min de 09/09/43. Com Kesselring, Westphal e Student, eles se entregaram a uma discussão prolongada de oito pontos, quatro formulados por Giaccone, os outros estipulados por Kesselring. Giaccone propôs que os alemães continuassem a reconhecer Roma como cidade aberta e evacuar a capital; que uma divisão italiana e forças policiais permanecessem na cidade; que outros soldados italianos que deponham as armas seriam mandados embora em licença ilimitada; e que aos italianos seria permitida a rendição honrosa. Kesselring insistiu em ter as tropas alemãs ocupando a embaixada alemã, a central telefônica e a estação de rádio de Roma; a divisão italiana autorizada a ficar em Roma não poderia ter artilharia; que o oficial italiano designado como comandante da cidade prestasse relatórios diários a Kesselring; e soldados italianos, após a sua baixa do serviço ativo, deveriam ter a opção de assumir o serviço militar ou de trabalhar para os alemães.

Na conclusão do debate, Kesselring disse que a situação italiana era desesperada. Ele disse que estava preparado para explodir os aquedutos da cidade se os italianos recusassem os seus termos. Giaccone disse que achava que as condições eram aceitáveis. Ele propôs, e Kesselring concordou, numa trégua de três horas a começar às 07h00min de 10/09/43. Giaccone prometeu que, no fim da trégua, a resposta italiana seria entregue. À 01h30min de 10/09/43, ele e seu intérprete partiram para Tivoli.

Giaccone relatou tudo para Calvi di Bergolo, que ficou muito indeciso sobre o que fazer. Ele ficou

desapontado e irritado porque os termos trazidos de Frascati constituíam uma rendição – completamente diferente da gentil mensagem verbal de Student trazida por Schacht.

No entanto, Calvi di Bergolo não poderia ignorar a difícil situação italiana e a impossibilidade de efetivamente enfrentar os alemães por muito tempo. Calvi di Bergolo enviou Giaccone para Carboni. Embora Carboni dissesse mais tarde que recusou os termos (e Giaccone dissesse que ele havia aceitado), às 05h30min de 10/09/43, Giaccone enviou o seu intérprete de volta para Frascati com uma mensagem aceitando as condições alemãs, desde que elas abrangessem todas as forças italianas e não apenas a “Centaurio”.

Sejam quais tenham sido as palavras precisas de Carboni para Giaccone, ficou patente que Carboni não tinha intenção de se render. Ainda esperando o apoio dos aliados a partir do mar ou do ar, ele queria parar de conversar com os alemães, com a intenção de romper as negociações na hora certa com algum pretexto. Ele contou a Calvi di Bergolo suas intenções, mas este último não quis fazer parte desse esquema.

Giaccone e um auxiliar voltaram para Frascati, chegando ao QG de Kesselring às 07h00min. Giaccone informou que o comando italiano aceitara os termos formulados na noite anterior e aproveitou para se queixar de que os alemães não observaram devidamente a trégua, que deveria durar até as 10h00min. Westphal, por sua vez, enviou dois oficiais para acompanhar o auxiliar de Giaccone, a fim de garantir o respeito da trégua por parte das tropas alemãs.

Neste momento, por volta das 07h30min, Kesselring apareceu. Ele disse que a resistência italiana era totalmente inútil, porque os aliados haviam confinado a invasão à região de Salerno, deixando as tropas italianas em Roma entregues à própria sorte. Como resultado, ele apresentou um novo conjunto de termos (elaborado por Westphal durante a noite) muito mais severo. Inegavelmente, essas condições significavam capitulação.

Giaccone discutiu com Westphal os novos termos cuidadosamente. Às 10h00min, ele partiu para Roma, levando consigo o documento de rendição nos idiomas alemão e italiano, ambos já assinados por Westphal. Por volta das 10h45min, foi dada uma contraordem por telefone para as divisões “Ariete” e “Piave” não avançarem para Roma. Giaccone chegou ao Palazzo Caprara ao meio-dia e telefonou para Carboni informando sobre o resultado da sua missão.

Carboni mandou Giaccone romper imediatamente as negociações. Respondendo que a situação era extremamente delicada e grave, Giaccone solicitou uma ordem por escrito, ou, acrescentou, Car-

boni poderia fazer uma comunicação direta e pessoal a Kesselring. Respondendo que a situação era realmente delicada e grave, Carboni recusou-se a assumir qualquer responsabilidade. Ele recomendou que Giaccone passasse o problema para Sorice, o Ministro da Guerra. Assim ele fez e, após ouvir a estimativa de Giaccone de que não existia outro caminho a não ser concordar com os termos de Kesselring, Sorice não se sentiu com autoridade para tomar uma decisão.

Ele sugeriu que Giaccone apresentasse o assunto a Caviglia, a pessoa de maior patente militar em Roma. Sorice havia afinal descoberto o paradeiro do Rei e enviou um telegrama solicitando autorização para Caviglia tornar-se o representante do governo em Roma. Mas a resposta do Rei nunca chegou, embora tivesse sido enviada, investindo Caviglia com plenos poderes "durante a ausência temporária do Presidente do Conselho, que está com os ministros militares".

Giaccone, depois de deixar Sorice, encontrou Caviglia na casa de um amigo. Logo após a chegada de Giaccone, Calvi di Bergolo apareceu à sua procura para saber dos resultados do segundo encontro com Kesselring. Os três oficiais discutiram o problema de saber se deviam aceitar ou não as exigências alemãs. Caviglia disse que não tinha autoridade para capitular porque ele não tinha tido notícias do Rei. Mas ele acrescentou que, se a sua assunção de autoridade tivesse sido confirmada, ele decidiria em favor de aceitar o ultimato alemão. Ele não acreditava que a situação militar ainda permitisse maior resistência. Caviglia então aconselhou Calvi di Bergolo a enviar Giaccone de volta para Frascati para aceitar os termos alemães.

Com a questão decidida, Calvi di Bergolo e Giaccone voltaram a encontrar Sorice no Ministério da Guerra pouco depois das 14h00min. Calvi di Bergolo telefonou para Carboni e pediu-lhe para se encontrar com eles. Carboni chegou em poucos minutos.

Os quatro oficiais discutiram sobre os termos de Kesselring. Sorice e Carboni declararam-nos inaceitáveis e se recusaram a assinar os documentos que Giaccone havia trazido. Calvi di Bergolo e Giaccone insistiram que eles não tinham alternativa senão aceitar, sobretudo em virtude do ultimato de Kesselring. Enquanto a discussão continuava, o som de metralhadoras pareceu muito próximo. Eles logo descobriram que os alemães haviam aberto caminho para a Via dell'Impero. Sem mais delongas, Giaccone colocou sua assinatura no documento.

Quase imediatamente, Caviglia chegou ao Ministério da Guerra e encontrou Carboni ainda argumentando em favor da resistência, baseando-se na esperança de que a invasão aliada logo forçaria os alemães a se retirarem para o norte de Roma.

Porém, Caviglia zombou dessa ideia – uma crença que era, segundo ele, mera propaganda. Afinal, desembarques em Salerno não poderiam libertar Roma. Apenas um desembarque aliado ao norte da capital, disse Caviglia, poderia libertar Roma e o norte da Itália da ocupação alemã. Carboni permaneceu inflexível. Ele se recusou a assinar os papéis da capitulação. Alegando que ele conhecia bem os alemães, ele afirmou que eles não iriam honrar nem mesmo as duras condições que eles haviam imposto (no que ele tinha toda a razão). Porém, Calvi di Bergolo disse que confiava nos oficiais alemães. Ele tinha fé em sua honra e pediu a Carboni para falar diretamente com Kesselring e obter a sua garantia pessoal.

Com certa amargura, Carboni disse que não faria tal coisa. Ele acusou a “Centaurus”, de Calvi di Bergolo, de ter ficado de braços cruzados enquanto a “Granatieri di Sardegna”, a “Ariete” e a “Piave” lutavam com distinção. Se Calvi di Bergolo tinha tanta fé nos alemães, então ele que assumisse o comando da cidade e a responsabilidade pelo o armistício. Os outros concordaram.

Surpreendido por este rumo dos acontecimentos, Calvi di Bergolo, após considerável hesitação, aquiesceu. Giaccone então voltou para o QG de Kesselring com os documentos de rendição assinados. Giaccone chegou a Frascati às 16h30min, meia hora além de expirado o prazo do ultimato, mas ainda a tempo de salvar Roma de ser bombardeada.

No entanto, ainda haveria outros combates, pois a ordem de cessar fogo não chegou a todas as unidades a tempo. O 18º *Reggimento Bersaglieri Corazzato* (anexado à “Ariete” naquela manhã) permanecia entrincheirado em Settecamini. Um avião de ligação alemão lançou para ele um comunicado, informando sobre a rendição e fazendo ameaças, mas não foi suficiente para demover os italianos de sua determinação. No entanto, na manhã do dia 11, um ataque aéreo realizado por Stukas feriu seu comandante – foi o bastante para a tropa simplesmente se dispersar.

Na noite do dia 10, na estação de Termini, o Major Carlos Benedetti, com 13 soldados e um considerável número de civis armados, defendeu um comboio contra os alemães. Armados apenas com armas leves, o grupo não foi páreo para os alemães, que fizeram uso de um canhão de tiro rápido de 20 mm. Pelas 21h00min, esse combate, o último ao

redor de Roma, terminou. Foram mortos 6 soldados e 41 civis italianos.

Desfecho

A conquista da Cidade Eterna havia custado aos alemães 109 mortos e 510 feridos. Kesselring tornou-se assim, depois de dois dias, “senhor incontestado de Roma”, como o Capitão Schacht havia predito.

As perdas de vidas italianas ao redor de Roma atingiram a cifra de 597 mortos, incluindo 183 civis (dos quais, 27 mulheres)¹⁷. Somente a “Granatieri di Sardegna” teve 65 mortos e 300 feridos em 36 horas de combate.

Foram concedidas, postumamente, 10 Medalhas de Ouro e 27 de Prata ao Valor Militar. Além disso, os Capitães Vincenzo Pandolfo, Camillo Sabatini e Romolo Fugazza, os Tenentes Ettore Rosso e Raffaele Persichetti, o Subtenente Luigi Perna¹⁸ e o Sargento Udino Bombieri tiveram seus nomes dados a ruas de Roma e o do Capitão Franco Vannetti Donnini foi dado a uma praça. Foi construído um memorial em Montagnola, onde os 53 homens que tombaram no local são lembrados hoje pelas 53 cruzeiras na fachada da Igreja *di Gesù Buon Pastore*.

Na noite de 10/09/43, de acordo com os acordos entre Kesselring e Caviglia, o General Calvi di Bergolo¹⁹ foi nomeado governador de Roma, reconhecida como “Cidade Aberta” para resguardar o seu patrimônio histórico e artístico e respeitar a sede do catolicismo. Bergolo deu ordens para que a “Piave” mantivesse a ordem pública na cidade e se encarregasse do recolhimento de armas de unidades retardatárias. No entanto, poucos entregariam suas armas, à medida que o movimento de guerrilha começava a se organizar.

Os *Fallschirmjäger* passaram a saquear casas e lojas e a despojar transeuntes de seus bens, como relógios, bicicletas e veículos. Comportavam-se com fanfarronice e brutalidade, divertindo-se em humilhar as pessoas, arrancando-lhes os cintos das calças.

Logo foram estabelecidos campos de concentração ao redor de Roma, guardados pelas SS, para os prisioneiros italianos (o principal deles em Pratica di Mare), enquanto aguardavam os comboios ferroviários que os levariam aos campos de prisio-

¹⁷ Outra fonte menciona 982 mortos, sendo 659 militares, 121 civis (dos quais, 51 mulheres) e 202 não identificados; outra fonte cita 414 militares e 156 civis mortos. É um trabalho sem esperança tentar conciliar as fontes nessa matéria.

¹⁸ Persichetti e Perna na verdade eram veteranos feridos em combate e dispensados do serviço militar, mas se

apresentaram voluntariamente quando souberam dos combates ao sul de Roma.

¹⁹ A 23/09/43, ele se recusou a servir à República de Saló, sendo preso e enviado para a Alemanha, de onde foi libertado pelos aliados um ano depois. No mesmo dia, a “Piave” foi dissolvida; a “Ariete” e a “Centaurus” já haviam sido dissolvidas a 12/09/43.

neiros – oficiais na Polônia e soldados na Alemanha.



Fallschirmjäger desarmam soldados italianos.

Não foi apenas na área de Roma que os italianos decidiram resistir ao inevitável. Quando tropas alemãs tentaram ocupar Bari, o comandante italiano, General Nicola Bellomo, reuniu um grupo heterogêneo (infantaria, milicianos, engenheiros e marinheiros) e contra-atacou, repelindo os alemães após duas horas de combates (Bellomo foi ferido durante a ação). Em Verona e no Passo de Futa também houve confrontos.

Em outras regiões, houve diferentes ações e reações. Em alguns casos, os italianos receberam promessas de repatriação e placidamente embarcaram nos trens que os levaram aos campos de prisioneiros. Em outros casos, os italianos resistiram aos alemães, sendo o episódio mais conhecido – e trágico – o da ilha grega de Cefalônia, onde a 33ª Divisão de Infantaria "Acqui" combateu os alemães por 8 dias e, após a rendição, 5.189 sobreviventes foram executados. O comandante da divisão, General Antonio Gandin, reputado como francamente germanófilo e que ganhara a Cruz de Ferro no front russo, foi executado a 24/09/43. Foi o 2º maior massacre de prisioneiros registrado durante a 2ª Guerra Mundial²⁰ – só perdendo para o Massacre de Katyn. Em Corfu, outra das ilhas Jônicas, todos os 280 oficiais italianos capturados foram executados e seus corpos jogados ao mar.

Na Córsega e na Sardenha, os italianos entraram em ação logo após o anúncio do armistício e as tropas alemãs rapidamente evacuaram as ilhas. Na Sardenha, paraquedistas italianos da Divisão "Nembo" decidiram unir-se aos alemães, chegando a enfrentar seus compatriotas. Desse confronto, veio a perecer o Tenente-Coronel Alberto Bechi Luserna, que foi agraciado, postumamente, com a Medalha de Ouro ao Valor Militar.

Muitos italianos nos Bálcãs uniram-se aos parti-

sans de Tito, particularmente das divisões "Venezia", "Ferrara" e "Taurinense". Pelo final de novembro, em função das baixas, elas foram amalgamadas na "Divisão Garibaldi" e, depois, na "Brigada Italia". Outras divisões, como a "Emilia", a "Bergamo" e a "Messina", conseguiram repatriar parte de seu pessoal. Estima-se que mais de 40.000 italianos permaneceram na Iugoslávia combatendo ao lado dos partisanos, sendo que cerca de metade desse número pereceu em combate ou por doenças. Os que eram aprisionados tinham o fim destinado aos guerrilheiros – execução sumária. A 01/10/43, cerca de 50 oficiais italianos foram executados pela 7ª Divisão de Montanha das Waffen-SS "Prinz Eugen" na Dalmácia.

Na Grécia, a Divisão "Pinerolo" teve um fim ignominioso: após contatar o movimento de resistência grego e firmar com eles um acordo, com o aval da missão militar britânica, as tropas italianas foram desarmadas pelos gregos durante o mês de outubro e dispersadas. Os homens passaram a vagar pelas montanhas, famintos, maltrapilhos, sujeitos às agressões das populações locais e, por fim, usados como trabalhadores escravos, sendo comercializados em praça pública.

Nas ilhas do Mar Egeu de Leros, Cos e Samos, os britânicos enviaram tropas e aviões para reforçar as guarnições italianas, mas não foram suficientes para impedir os alemães de retomar as ilhas. Apenas em Cos, 114 oficiais italianos foram executados pelos alemães.

De acordo com fontes alemãs, o total de soldados italianos desarmados superou a marca de um milhão, sendo 518.022 na Itália, 164.986 na Iugoslávia e 8.722 na França, além de cerca de 265.000 na Grécia e ilhas do Mar Egeu. O espólio incluiu imensas quantidades de fuzis, canhões, morteiros e veículos, incluindo 977 blindados. As ações alemãs contra seus ex-aliados custaram aos italianos 73.277 baixas. Quase um milhão e meio de italianos tornaram-se prisioneiros, dos quais, somente 1% aceitou se unir aos alemães. Cerca de um milhão de italianos voltaria a usar o uniforme militar – ao lado dos aliados ou dos alemães.

A Esquadra italiana levantou ferros e partiu para Malta como estabelecido no "Armistício Curto". No entanto, o encouraçado Roma acabou afundado por uma bomba guiada alemã. Os navios que não puderam partir foram autoafundados nos portos para evitar a sua captura pelos alemães.

A 12/09/43, Otto Skorzeny liderou um grupo de comandos alemães num espetacular assalto de pla-

²⁰ Este episódio é ilustrado no filme "Capitão Corelli". O General Hubert Lanz, o comandante alemão, foi condenado a 12 anos de prisão em Nuremberg, mas foi libertado em 1951. Nos anos 50, os restos mortais de mais

de 3.000 soldados foram trasladados para a Itália e sepultados no Cemitério de Guerra de Bari. O corpo do General Gandin nunca foi identificado.

nadores contra o pico do Monte Gran Sasso, resgatando Mussolini, que foi imediatamente levado para o QG de Hitler em Rastenburg. A 23/09/43, Mussolini retornou à Itália e proclamou a criação da *Repubblica Sociale Italiana* (RSI), com capital em Saló. A "nova" nação ficaria então conhecida como República de Saló. O Estado-títere se manteria leal à aliança com a Alemanha até o fim e estabeleceria suas próprias forças armadas, que combateriam os aliados e, incidentalmente, seus próprios compatriotas. Em janeiro de 1944, Mussolini também levou a efeito uma cruel vingança, no que ficou conhecido como o "Processo de Verona", onde foram condenados e executados todos os membros do partido responsáveis pela sua destituição em que ele havia conseguido colocar as mãos²¹.

A 13/10/43, o Rei Vítor Emanuel III declarou guerra à Alemanha. Foi então formado o *Esercito Cobelligerante Italiano*, que lutaria ao lado dos aliados. Já em dezembro, o 1º *Raggruppamento Motorizzato* entrou em linha, saindo-se bem na conquista do Monte Lungo, o que muito contribuiu para apagar os últimos vestígios de desconfiança por parte dos aliados.



Fallschirmjäger monta guarda a blindados italianos capturados.

Conclusões

Poucos episódios na História se basearam em tão grande rede de mentiras. Os italianos mentiram para os alemães, ao dizer que não se cogitava sair da guerra; os alemães mentiram ao dizer que acreditaram nisso; e os aliados mentiram quanto à exigência de rendição incondicional e quanto às circunstâncias dos desembarques. A desconfiança generalizada permeou todo esse episódio, tanto entre as diferentes nacionalidades, quanto dentro delas.

²¹ Foram 6 ao todo: Galeazzo Ciano (genro do ditador), Emilio De Bono, Giovanni Marinelli, Carlo Pareschi, Luciano Gottardi e Tullio Cianetti. Os 5 primeiros foram condenados à morte e Cianetti pegou 30 anos de prisão.

A atitude aliada era justificável, pois, afinal, a Itália era um país inimigo e, portanto, todas as reservas usadas inicialmente eram válidas. Porém, uma vez assinado o armistício, seria lícito crer em algum tipo de cooperação mais franca. No entanto, o receio de algum tipo de traição por parte dos italianos emperrou todas as atitudes aliadas. Parece incrível que os americanos não tenham compreendido a situação desesperadora em que se encontravam os italianos. No livro "No Spaghetti for Breakfast" (Londres, 1943), dos correspondentes de guerra americanos David Brown e Alfred Wagg, há a citação de que os italianos, ao entrar em contato com os aliados, "vinham ver se podiam obter uma recompensa por apunhalar os alemães pelas costas". Com uma interpretação dessas, fica fácil entender a atitude aliada. Longe de pensar em termos de cooperação, os aliados agiram como se estivessem lidando com canalhas traidores. Alterar seus planos por eles, nem pensar! Ao contrário, talvez descrentes do próprio poderio, se colocaram numa situação de fragilidade que os italianos não podiam compreender. Isso ficou muito claro nas discussões com Castellano, quando este demonstrou crer que os aliados podiam desembarcar dezenas de divisões em pontos muito além do alcance de seus caças (embora isso talvez refletisse mais um desejo de Castellano do que uma avaliação sensata das possibilidades aliadas, pois o desembarque proposto por ele, se possível, libertaria 3/4 do território italiano).

Tudo isto levou os aliados a não tirar proveito da disposição italiana, buscando coordenar seus movimentos – a coisa que Kesselring mais temia. A única pífia atitude nesse sentido foi a Operação Giant 2, que, no entanto, foi muito mal concebida. Alguns autores argumentam que o cancelamento da operação aeroterrestre foi um erro, mas é difícil compreender em que se baseia essa conclusão. Embora o número de alemães na região de Roma tenha sido ligeiramente (repito: ligeiramente) exagerado, eram tropas de elite, experientes, equipadas com o que os alemães tinham de melhor, inclusive artilharia, tanques e canhões autopropulsados (sem falar que, em caso de necessidade, poderiam ser reforçadas com tropas de Rommel, vindas do Norte). Além disso, ali quem mandava nos céus era a Luftwaffe, que podia ser reforçada rapidamente. A aviação de caça aliada não tinha autonomia para chegar a Roma e mesmo que os aeródromos fossem dominados pelos aliados, isso não seria garantia de que eles poderiam ser usados

Os outros 13 que votaram contra Mussolini no Grande Conselho Fascista foram julgados à revelia.

operacionalmente pelos seus aviões. E os paraquedistas americanos se veriam enfrentando forças blindadas armados apenas com bazucas e artilharia leve. Por mais que se elogie a atuação de algumas unidades italianas na luta ao redor de Roma, elas resistiram por apenas dois dias (para transportar a 82ª Divisão Aeroterrestre americana inteira para os aeródromos de Roma seriam necessários quatro dias). Com o auxílio americano, talvez os italianos resistissem um pouco mais. E depois? As tropas americanas e britânicas desembarcadas em Salerno por pouco não foram jogadas de volta para o mar e, ainda assim, os aliados só saíram da cabeça-de-praia uma semana depois, sendo logo depois detidos no rio Volturno. A 82ª Divisão, postada bem no meio das linhas de comunicação alemãs, poderia aguentar por quanto tempo?



Cerimônia de assinatura do “Armistício Longo”, a bordo do encouraçado HMS Nelson, em Malta, 29/09/43. Na frente estão Badoglio, Eisenhower e Alexander.

O que os aliados poderiam (ou melhor, deveriam) ter feito é fornecer uma estimativa mais correta quanto a datas, locais e efetivos (sem necessidade de dar informações detalhadas), algo que desse aos italianos perspectivas mais realistas, permitindo-lhes fazer um planejamento mais condizente com a situação (mesmo que, hipoteticamente falando, eles acabassem desistindo de fazer a paz). É certo que haveria um risco à segurança, mas, dependendo como a questão fosse administrada, os benefícios poderiam compensar os riscos. Afinal, os aliados já iriam mesmo desembarcar em Salerno, independente da posição italiana. Portanto, havia muito a ganhar com uma pequena dose de boa vontade. Afinal, com toda a reserva e cautela, o 5º Exército deu de cara com a 16ª Divi-

são Panzer em Salerno – logo reforçada – e, portanto, fica difícil imaginar como a coisa poderia ter sido pior. Hoje se sabe que se Clark tivesse adiado a Operação Avalanche por 48 horas, a 16ª Panzer já teria se retirado para o norte e, portanto, ele teria desembarcado sem oposição.

A situação dos alemães, de certa forma, foi a mais confortável. Eles sabiam com meses de antecedência que a Itália desejava sair da guerra e somente o servilismo pusilânime de Mussolini impedia que isso acontecesse. A queda do Duce representou para os alemães o sinal de que agora nada impediria os italianos de fazerem a paz com os aliados e era preciso então planejar sobre essa contingência. Os alemães se beneficiaram ao máximo da barganha de mentiras e suas tropas continuaram entrando na Itália para “ajudar” os italianos. Num dado momento, os italianos se queixaram que as tropas alemãs que estavam ocupando o vale do Pó seriam mais úteis no sul da Itália, ao que os alemães responderam então por que os italianos não retiravam as suas tropas do vale do Pó para enviá-las para lá? Um não confiava no outro, mas ninguém queria admitir isso. Quando os alemães ocuparam a estação de Reggio Emilia, na ferrovia Parma-Piacenza, eles foram expulsos de lá pelos italianos sob ameaça. Desta vez, os alemães cederam.

É curioso que Hitler e o OKW, na Alemanha, tenham tido uma percepção muito mais realista da situação do que Kesselring, na Itália. Este, como perfeito “marido traído”, acreditava em tudo que as autoridades italianas lhe diziam e ficava tão convencido que ainda tentava convencer o Führer. No entanto, os alemães realizaram um planejamento notável e a execução foi rápida e fulminante. Os primeiros contatos falsamente amistosos eram logo seguidos de rápidos ataques que, diante de tropas surpresas, sem ordens e sem comando, puderam ser coroados de êxito. Em poucos lugares os italianos conseguiram se organizar a ponto de oferecer algum tipo de resistência eficiente e, mesmo nesses casos, foram derrotados em pouco tempo. Em pouco mais de uma semana, o segundo Exército mais poderoso do Eixo havia sido aniquilado. Lamentavelmente, a ideia de que os italianos eram traidores foi levada muito a sério por alguns, o que levou a várias atrocidades, inclusive contra civis.

A situação italiana era, sem dúvida, a mais angustiante de todas. Podemos dividir esse período em duas fases: antes e depois da deposição de Mussolini.

Enquanto o Duce se apresentava como o líder de uma grande nação em armas, parceiro maior do conquistador da Europa, ele era o senhor incontestado da Itália. Porém, após três anos de derrotas esmagadoras e a perda de todo o império colonial,

até mesmo Mussolini deveria enxergar que a parceria com a Alemanha estava levando seu país e seu povo à beira do abismo. Se ele fosse um líder de verdade (ou, pelo menos, 10% do líder que ele queria que os outros pensassem que ele era), ele mesmo deveria ter cogitado a hipótese de sair da guerra. Embora a sua indecisão fosse notória, a situação estava piorando muito e depressa e não havia motivo algum para otimismo. Portanto, se ele desejasse permanecer como líder da Itália e que o fascismo continuasse no poder, a iniciativa de conseguir a paz teria que partir dele.

Evidentemente, é pura ilusão achar que seria fácil comunicar essa decisão a Hitler. No entanto, se existia alguém no planeta Terra que tinha uma mínima chance de ao menos conversar sobre o assunto com o Führer, este era Mussolini. Se Mussolini conseguisse fazer da saída da Itália algo interessante aos olhos de Hitler, haveria uma chance, desde que ele se mantivesse firme nesse propósito. Apenas por suposição (lembrando que na História não existe “Se”), se Mussolini apresentasse a retirada da Itália da guerra na condição de que uma paz em separado com os aliados faria da Itália um país neutro, evitar-se-ia todo um extenso teatro de operações aos alemães e permitiria a eles a existência de um flanco seguro no sul da Europa. Se Mussolini conseguisse firmar uma paz em separado com os aliados, ainda que tivesse que ceder em alguns pontos – como a entrega da esquadra ou mesmo da Sardenha – ainda seria um preço infinitamente menor do que ter o país invadido e transformado num campo de batalha.

É claro que isso é mera especulação. Mais provavelmente, Hitler teria um ataque de “piti” ao ouvir a palavra “paz” e os aliados seriam irredutíveis na questão da rendição incondicional. Mas, se assim fosse, Mussolini poderia apresentar ao povo italiano que ele havia tentado fazer a paz, mas que havia malgrado devido à intransigência aliada. Assim, o povo italiano seria forçado a aceitar o que desse e viesse e os alemães não poderiam acusar os italianos de traição. Se, ainda assim, ele não pudesse mais contar com o apoio de seu partido, ele poderia entregar o cargo ao Rei, saindo de cabeça erguida e desligando-se da incômoda aliança com Hitler.

Mas nada disso aconteceu. A ignóbil covardia e inação de Mussolini foram mais fortes e ele submeteu-se totalmente ao seu Führer, levando essa submissão ao extremo durante a infame existência da República de Saló, em que ele chegou ao cúmulo de condenar e executar militares que haviam cumprido seu dever e obedecido às ordens de resistir aos alemães. Por fim, Mussolini, o Duce, que se arvorara como o ditador todo-poderoso da Itália, que usufruiu de todos os benefícios que a nação italiana podia lhe dar, falhou miseravelmente

quando essa liderança foi realmente necessária. E, como prêmio por sua incapacidade e pusilanimidade extremas, teve um fim igualmente extremo, executado sem julgamento por guerrilheiros e tendo seu cadáver exibido para execração em praça pública.

Vamos agora então tentar analisar a situação italiana pós-Mussolini. Ao assumir o poder, Badoglio sabia que a Itália precisava sair da guerra, mas era realista o bastante para reconhecer que encontraria forte reação da parte dos alemães. Além disso, ele não podia confiar plenamente na sua própria gente, pois havia muitos fascistas fanáticos e simpatizantes dos alemães. A mínima indiscrição de um deles bastaria para por a perder todo o processo de paz.

Dessa forma, o segredo era indispensável, bem como a limitação dos elementos envolvidos na trama. Também foi necessário mentir desbragadamente aos alemães. Todos esses passos eram, nas circunstâncias, inevitáveis. Mas os líderes italianos falharam em duas ocasiões: a primeira ao imaginar que os aliados os aceitariam alegremente como novos membros do time vencedor. Além de se prever a óbvia desconfiança em relação às intenções do então inimigo, a imagem das forças armadas italianas junto aos aliados era lastimável e, portanto, não havia interesse algum em tê-las do seu lado.

Outro erro – muito mais grave – foi basear todo o planejamento segundo a premissa de que o anúncio do armistício se daria após o dia 10. Certamente, a confiança que Castellano exprimira quanto a isso foi um fator preponderante, mas um bom planejador teria que prever situações inesperadas. Não se concebe que, diante de uma previsão por si só vaga (já que não havia sido realmente informada uma data), não se fizesse um planejamento com alguns dias de antecedência ao prazo final. Por exemplo, havia uma previsão de abastecimento de combustível das divisões do *Corpo Motocorazzato*, sendo que a “Piave” recebeu sua dotação no dia 8, enquanto a “Ariete” receberia no dia 9 e a “Centauro”, no dia 10, ou seja, praticamente em cima da data prevista para o início das ações bélicas contra os alemães. Obviamente, a “Ariete” e a “Centauro” acabaram não podendo receber suas dotações, o que prejudicaria as duas unidades se as operações tivessem se prolongado. Além disso, o transporte ferroviário de duas das três divisões de infantaria não se concluiu no momento do anúncio do armistício e, enquanto elementos da “Re” ainda chegaram a entrar em combate, de forma quase acidental, a “Lupi di Toscana” parece ter se dissolvido. Se essas unidades tivessem chegado um ou dois dias antes, a situação ao redor de Roma poderia ter sido muito diferente.

O que aconteceu depois foi, em grande parte, decorrência dessa deficiência. Embora a “Piave”, a “Ariete” e a “Granatieri di Sardegna” estivessem em posição quando a luta começou, o plano italiano previa a substituição em linha das divisões blindadas pelas divisões de infantaria que ainda estavam chegando, permitindo assim que houvesse uma forte reserva móvel para ser aplicada onde fosse necessário. Da maneira como as coisas aconteceram, não havia uma forte reserva, embora a fraca “Centauro” não tenha sido empenhada em momento algum, em grande parte pela desconfiança que Carboni tinha quanto aos seus “Camisas Negras”²². De fato, não houve nenhum caso de insubordinação ou deserção na “Centauro” e seus oficiais declarariam depois que a divisão estava pronta e perfeitamente enquadrada. Estes certamente foram alguns dos fatores que levaram Carboni e Roatta a concluir que a defesa de Roma não era mais viável. Roatta fugiu junto com o governo e Carboni seguiu-lhe os passos, como uma barata tonta. Que Badoglio e o Rei tinham que fugir não se discute, pois era necessário preservar a figura de um governo livre que pudesse representar a Itália diante dos aliados²³. Mas Roatta, não. Ele estava incumbido de comandar o *Corpo Motocorazzato* e o *Corpo di Roma*, sendo, pelo menos teoricamente, responsável pela defesa de Roma. No entanto, por ordem do Rei (que talvez não soubesse desse encargo de Roatta), ele abandonou suas obrigações e sua fuga causou o colapso hierárquico que tanto prejudicou a luta por Roma. Por outro lado, o Ministro da Guerra, Sorice, que recebeu a mesma ordem, ficou em Roma.

Disso tudo se conclui que a liderança italiana simplesmente decidira abandonar a defesa de Roma. Aparentemente, ninguém se preocupou em avisar isso aos otários que morreriam combatendo uma batalha já considerada perdida de antemão. E as divisões móveis do *Corpo Motocorazzato* receberam ordens de seguir para Tivoli, para proteger o comboio governamental, bem no meio da batalha. Instalou-se o caos: enquanto algumas tropas, obedecendo ao plano pré-estabelecido, à ordem genérica contida no comunicado de Badoglio ou às próprias necessidades do momento, opunham-se resolutamente, com eficiência e coragem, aos alemães; outras, obedecendo às novas ordens, realizavam um movimento confuso, através de estradas congestionadas, no rumo de uma zona de montanha, onde qualquer desdobramento ou manobra eram difíceis, com objetivos ignorados e

com tarefas nem ao menos indicadas de modo sucinto. Dessa forma, os italianos lutavam sem uma estratégia coerente, com suas forças divididas e ignorando a situação geral, enquanto os alemães se moviam de forma coordenada, em contato uns com os outros através de rádios portáteis e, sobretudo, com um comando unificado.

No dia 10, percebendo que suas tropas estavam combatendo muito bem e que talvez houvesse uma esperança afinal de contas, Carboni decidiu voltar atrás na decisão de recuar para Tivoli, decidindo, ao invés, retornar com suas divisões móveis para Roma.

Mas era tarde demais. As forças italianas já então estavam numa situação totalmente caótica e os alemães já começavam a penetrar em Roma pelo sul. O tempo perdido nos primeiros momentos da luta, o não emprego das grandes unidades como havia sido planejado e a confusão geral do comando haviam condenado a defesa de Roma. A gota d'água foi a recusa de Cadorna de atacar os alemães na manhã do dia 10. Talvez compreendendo que a batalha já estava mesmo perdida e tendo perdido a confiança em sua liderança, ele teria decidido evitar um inútil derramamento de sangue.

A grande tragédia italiana encerrava um capítulo e iniciava outro, com uma terrível e sanguinária ocupação alemã e uma devastadora guerra que atravessaria todo o país.

A pergunta que fica é: isso era inevitável?

A 2ª Guerra Mundial custou à Itália as vidas de mais de 450.000 cidadãos, sendo cerca de 150.000 civis. Esse foi o preço pago por um grande e nobre povo por escolher um fanfarrão estúpido e demagogo como seu líder; pelos erros cometidos por sua liderança inepta e covarde; pela conveniência de um monarca acomodado e distante, preocupado apenas em se manter com a coroa na cabeça; pelos equívocos de estimativa e de planejamento de uma casta de militares que no momento de por a vida em risco pelo seu país tratou de despir a farda e procurar fugir de suas responsabilidades.

No pós-guerra, Carboni foi julgado pelos acontecimentos de setembro de 1943, sendo absolvido das acusações em fevereiro de 1949. Badoglio se viu forçado a deixar o governo a 18/06/44. O Rei Vítor Emanuel III teve que abdicar em favor do filho a 09/05/46, mas o reinado de Humberto II durou apenas um mês: a 02/06/46, um referendo popular transformou a Itália numa República e a monarquia italiana acabou a 13/06/46.

²² A desconfiança de Carboni era tanta que, quando ele estava almoçando em Tivoli, no dia 9, em trajes civis,

homens da “Centauro” o reconheceram e se apresentaram a ele, mas ele negou quem era e disse chamar-se Rossi.

²³ Um governo provisório foi estabelecido em Brindisi.

Talvez tudo isso fosse realmente inevitável. O grande erro foi a entrada da Itália na guerra em junho de 1940 e, a partir deste ponto, os acontecimentos se precipitaram e se tornaram cada vez mais fora de controle. O que resta de todo esse drama é a lição de que um povo sempre paga – e sempre pagará – pelas suas escolhas. Ou, como diz o dito popular, todo povo tem o governo que merece.
Sempre.